O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — Manuel Firmino d'Almeida Maia, Barbosa de Magalhães, J. E. d'Almeida Vilhena, Augusto Ribeiro, Marques Gomes, Alves d'Azevedo, Francisco de Magalhães, e Firmino de Vilhena

ANNO XLV

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

QUARTA-FEIRA 22 DE MAIO DE 1895

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:469

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—A perseguição do governo.—Portugal e Brazil.—A emigração.—Asserto.—Exames de habilitação para o magisterio.—Os centenarios.—Carta de Lisboa.—Carta de Coimbra.—Custa tão pouco a ser-se bom rei!—Companhia Nyassa-Panamá.—A companhia portugueza de phosphoros.—Noticias diversas.—Pelo estrangeiro.—Folhetim: Magdalena.—Carta de Ceia.—Communicados.—Secção historica.—Secção agricola.—Secção litteraria.—Noticiario.—Carta de Goes.

AVEIRO

A perseguição do governo

Ao acto que destituiu o dr. Ribeiro Coelho do logar de professor do Collegio Militar, pozeram os arautos ministeriaes o rotulo que hoje nos serve de epigraphe. Elles bem sabiam as rasões que tinham para o fazer. A vilania era tão feia e repugnante, que até os mais devotados campeões da situação não poderam deixar de classifical-a como merecia. Foi uma perseguição do governo. Do governo? não que o não ha n'este paiz, mas dos ministros inconscientes que empunham o thyrso de bacchantes e ameaçam com a conflagração dynastia e nacionalidade, com a mesma ligeireza de costumes com que ahi teem sacrificado a monarchia e as instituições.

Foi em resposta ao *Diario Popular*, que reprovou aquelle attentado politico, que os arautos ejacularam as mais grosseiras diatribes contra o professor que no exercicio do magisterio dera sempre provas do seu zelo pelo serviço publico, honrando a cathedra, honrando a classe e sendo tambem honrado pelo testemunho insuspeito de quantos conhecem os seus trabalhos escholares, discipulos, professorado e director. Todos abonam a sua assiduidade na cadeira, o seu methodo de ensino, a sua proficiencia no desempenho das suas obrigações cathedraticas.

Pois tudo isto não valeu nada para o titular da guerra, porque o exonerou a proposito de um discurso que o sr. dr. Ribeiro Coelho proferiu na reunião particular de um partido monarchico! Não atacou elle as instituições representativas. Talvez fosse por isso que os ministros que as tem violado a seu talante o feriram a elle, ao inscreverem-lhe o nome nas taboas da proscripção. Se o antigo professor fosse tambem um iconoclasta, ter-lhe-iam augmentado os vencimentos, ou despachado para outra commissão de serviço com melhores estipendios. Mas o dr. Ribeiro Coelho declarou-se no congresso partidario a favor do restabelecimento da constituição. Ai bocca que tal proferiste! Pois ha ainda n'este paiz quem pugne pela integridade d'essa velharia, que data de 1826? E' verdade que nos actos ceremoniosos da côrte as bandas regimentaes tocam o hymno da Carta, e que el-rei passa revistas na Avenida da Liberdade ao som d'aquella musica, que havia solemnisado o advento da sua dynastia e que tinha o valor de um protesto contra o despotismo reimplantado por um principe da casa de Bragança, que uzurpou o poder e suprimiu as liberdades publicas. Mas o actual chefe do estado, os seus ministros e os seus lictores contentam-se apenas com o hymno. Não vae mais longe o seu amor pelos principios. Musica... quanta queiram tocar-lhes. Fora d'ella... nem pio. E se alguem ousa levantar a voz... é logo condenado ao garrote vil. Foi o que succedeu ao sr. dr. Ribeiro Coelho, por causa do seu discurso repassado de uncção liberal, em que o orador expoz os aggravos que tinha o paiz, respeitando todavia as ficções constitucionaes, com quanto verberasse os ministros com uma austeridade que nada tinha de evangelica. E' que elles haviam pecado e mostravam-se impenitentes, e para os precitos, pois que não teem emenda, só ha o cauterio, porque só o ferro em braza é que pode combater as ulceras cancerosas.

*

Como é porém que os arautos e passavantes ministeriaes viram ou ouviram para o asseverar que o sr. dr. Ribeiro Coelho—*discutiu e censurou o chefe do estado?* Em que passagem do seu discurso notaram elles isso? E depois accrescentaram dilatando as belfas felinas:

> «Se o rei é inviolavel, *e portanto indiscutivel*, o funccionario publico que o *discutiu e censurou* foi muito bem exonerado do serviço.»

Paremos aqui. Diz a Carta de 1826, artigo 71.°:

> «O poder moderador é a chave de toda a organisação politica, e compete privativamente ao rei, como chefe da nação, para que incessantemente vele sobre a manutenção da independencia, equilibrio, e harmonia dos mais poderes politicos.»

Accrescenta o artigo 72.°:

> «A *pessoa* do rei é inviolavel e sagrada. Elle *não* está sujeito a responsabilidade alguma.»

Eis a doctrina, que é bem differente da que propagam os arautos ministeriaes. E' inviolavel e sagrada a pessoa do rei. Não são porém sagrados nem inviolaveis os actos do poder moderador, ou no rei como chefe do poder executivo, de conformidade com o disposto nos artigos 102.° e 105.° da constituição. Logo a imprensa assalariada do ministro do reino commetteu erro grosseiro na sua resposta ao *Popular*, insinuando no seu *por tanto* que a inviolabilidade da pessoa do rei, segundo a carta, tornava indiscutiveis os actos da realeza constitucional, que não podem ter execução sem a referenda dos ministros responsaveis. E é com taes mistificações que se procura cohonestar um acto de má politica, não importando aos amoucos da situação lançar o odioso sobre a corôa, unicamente para attenuarem as responsabilidades dos seus *leaes* conselheiros!

Mas quem atacou ou discutiu a pessoa do rei? O sr. dr. Ribeiro Coelho, não, que no dia 5 foi ouvido com agrado por uma assembleia monarchica numerosa e selecta. Quem a poz em discussão foi a gazeta com o seu revoltante facciosismo, confundindo inviolabilidade da pessoa com a faculdade que assiste a todos os cidadãos de discutir os actos publicos dos poderes constituidos. E se é preceito constitucional a inviolabilidade pessoal do primeiro magistrado da nação, tambem é defezo á suprema magistratura a infracção do pacto fundamental, e vae em dois annos e meio que o executivo só tem praticado violencias, atropellos calcando aos pés a moralidade e as leis. Os ministros descartaram-se do parlamento, dirigem como lhes apraz a cousa publica, não ha *rei* nem *roque*, e vão de mal a peor a politica e a administração. Os tributos augmentam, as despezas augmentam, e o *deficit* augmenta. Tem sido esta a norma da dictadura que ahi se está fazendo sob a egide da corôa. E se a irresponsabilidade do chefe do estado era condicção essencial nos termos da constituição, devemos concluir que quando a lei organica está suspensa, não pode aproveitar-lhe a isenção, por a regra sabida que morta a causa cessa o effeito.

*

Não. Os actos da realeza constitucional nunca foram indiscutiveis, porque se tal doctrina fosse acceite ficariam embrulhados no manto real os ministros que os tinham referendado. Tudo quanto tivesse a assignatura do rei ficaria considerado como dogma, e em taes casos, estariamos em pleno e confessado regimen absoluto. Em taes casos ainda julgar-se-iam revogados os artigos 102.° e 105.° da Carta. E d'esta confusão se aproveitariam os ministros sempre que o seu procedimento não encontrasse desculpa facil ou conveniente. Teriamos o rei e os seus conselheiros fóra dos dominios da discussão da imprensa e da tribuna. Era o *crê* ou *morre* do koran. Seria mais uma imposição tyranica para oppôr ás franquias de um povo livre.

Mas discutir os actos publicos do chefe do estado nunca foi incorrecção constitucional. Por não terem consentido essa discussão em 1830, é que Carlos X teve de mendigar a hospitalidade do exilio. Por ter suprimido o direito de reunião, oppondo-se ao alargamento da reforma eleitoral, é que Luiz Philippe teve de abdicar, ferido pelos desastres preparados adrede pelo seu desejo de *governar*.

Diz-nos isto a historia, que para o caso vale mais que as pregações do facciosismo, que se inutilisa na propaganda de doctrinas avariadas, que desagradam aos mais puros partidarios da monarchia representativa.

*

Mas se é indiscutivel a pessoa do rei, no que concordamos plenamente, são discutiveis os seus actos, nos termos da Carta, visto que os gazeteiros da synagoga ministerial teimam em confundir a realeza com os seus ministros. E se o querem assim, devemos fazer-lhes a vontade, pondo-se em evidencia os bellos serviços que ahi estão prestando á monarchia os seus conselheiros responsaveis e a sua imprensa estipendiada. Diz esta ultima «que a passividade dos poderes constituidos perante o ataque era uma denuncia de tolerancia.» O conceito parece-nos exdruxulo. Os austeros censores do orador de 5 do corrente entendeu que o castigo correspondera ao delicto. O que elles não querem é costumes brandos, attribuindo-lhe as *causas da desgraça social e politica* que atacou o paiz.

Mas aqui peca o illustre cretino. O mal está em não termos leis, porque o executivo procede como se ellas não existissem. Cada ministro é um dictador. Diz-se que em conselho ha divergencia d'opinião, mas em seguida ao conclave apparecem os decretos na folha official, como se n'elle tivesse havido a mais completa concordancia.

E se o conde de Basto foi o autoritarismo fóra da lei, não nos dirão os arautos e passavantes da situação se o que ahi estão fazendo ha dois annos e meio os ministros d'el-rei D. Carlos, não é a expressão mais genuina do *autoritarismo fóra da da lei*, visto que se acha suspensa a constituição, que se decreta dictatorialmente a pena de morte nos crimes politicos, a cobrança dos impostos, o sequestro das franquias municipaes, e a reforma eleitoral com a suppressão da representação das minorias?

Fez mais o conde de Basto se attendermos ao tempo e ás circumstancias em que viveu? Não, não fez, e todavia a sua memoria tornou se execravel, até para aquelles mesmos que serviram dedicadamente o poder absoluto.

*

Em 1826 Carlos X tinha como ministro da justiça a Peyronnet. E a 29 de dezembro apresentou o governo uma proposta de lei á discussão das côrtes, estrangulando a liberdade de imprensa. A academia franceza, onde havia homens de todos os partidos, representou ao rei contra aquelle trabalho ministerial, representação que o rei se recusou a receber. Entre os signatarios figuravam Lacretelle, Villemain e Michaud, conhecidos por as suas opiniões realistas e distinctissimos nas sciencias e nas letras. Um era censor dramatico, outro leitor do rei, e ainda outro exercia funcções publicas. Todos tres foram exonerados por ousarem representar ao chefe do estado contra aquelle acto do executivo. Os ministros fizeram acreditar ao rei, que aquella manifestação era um attaque ás prerogativas da corôa. Exactamente o que se passou agora com o antigo professor Ribeiro Coelho. Se elle não tivesse profligado os ministros na assembleia progressista, não se lembrariam elles de exoneral-o, não por faltas commettidas officialmente, mas por o crime de ter opiniões oppostas ás d'elles sobre cousas de politica e administração.

Vê-se por tanto que em Portugal se adoptam os processos de ha 69 annos, o que quer dizer que não sabem mais os homens novos, que ahi estão prégando a revolução e preparando o advento da republica.

Por isso os apologistas do despotismo pedem mais cabeças. Querem mais victimas, não se lembrando que n'este mundo pagam-se caro os erros e as faltas dos governos, e que o sangue que derrama o arbitrio salpica sempre o diadema e a purpura, que escorregam e cahem envoltos na maldição dos povos, que nunca absolvem os carrascos da liberdade.

Portugal e Brazil

Estão finalmente reatadas as nossas relações com o Brazil. Aqui a recepção do ministro brazileiro foi o que todos sabem, o que mais podia fazer-se em demonstrações de verdadeira confraternidade. No Brazil, a chegada do nosso representante foi saudada com enthusiasmo que tomou as proporções do delirio. O sr. Thomaz Ribeiro foi recebido em Pernambuco e na Bahia com verdadeira effusão de jubilo. No Rio de Janeiro succedeu o que havia razão para esperar. Os telegrammas que seguem dizem o resto.

Rio de Janeiro, 19, ás 2 h. e 15 m. da t.—Ministro dos negocios estrangeiros, Lisboa. Sua magestade el-rei e governo portuguez acabam de ser brilhantemente festejados na pessoa do seu representante.—(a) *Thomaz Ribeiro.*

Rio de Janeiro, 19, ás 2 h. e 55 m. da t.—Ministro dos negocios estrangeiros, Lisboa.—Ministro teve recepção esplendida.—(a) *Consul geral.*

Tambem no gabinete dos *reporters* se recebeu o seguinte telegramma:

Rio de Janeiro, 19, ás 6 h. e 45 m. da t.—Gabinete dos *reporters*, Lisboa.—Chegou aqui o sr. Thomaz Ribeiro, ministro de Portugal no Brazil. Um delirio indiscriptivel na recepção, havendo muitos vivas a Portugal e Brazil.—(a) *Raphael Gondry.*

A emigração

E' preciso, é forçoso, é inadiavel que tanto nós como os nossos estimaveis collegas de todas as côres politicas façamos uma cruzada contra a emigração, que, dia a dia, vae tomando proporções espantosas.

O governo, entregue aos seus ukases, ao seu constante nepotismo, á sua ambição do poder, e á sua inercia no que toca a melhoramentos publicos e ao mal dos povos que o affligem, não olha como deve para esse terrivel abysmo que se abre a nossos pés e que vai sendo a causa primaria de tantos e tantos desgostos e dissabores por esse paiz fóra. Esqueçamos, por um momento, os nossos debates politicos, e encaremos a questão da emigração pelo lado social que a devemos olhar. Não queremos já saber do que tem feito essa commissão encarregada d'estudar os meios d'obstar á emigração. As commissões em Portugal nada tem produzido. Vejamos qual o meio de atalhar esse mal, e cortemol-o pela raiz.

A emigração deve-se, não á falta de generos alimenticios, á falta de trabalhos, á paz que disfructamos, ás epidemias; a emigração deve-se a essa sucia de contratadores de carne humana chamados **engajadores**, que são conhecidos de todas as auctoridades, e que, com promessas cavillosas, com adiantamentos de dinheiros a juros fabulosos, com documentos falsos, com toda a casta de patifarias, tem concorrido para que a emigração tome tamanho incremento. Mas se as auctoridades os conhecem, por que os não vigiam ou mandam vigiar pela policia, e os prendem, e lhes cortam todos os vôos da sua poderosa actividade e faminta ganancia? Não se diz publicamente que as auctoridades os conhecem, e que, por baixo de capa, os patrocinam?

Não nos referimos ás auctoridades d'este districto, pois que ainda ha pouco deram uma prova de que não consentem esses desalmados. Referimo-nos a muitas outras, e essas que nos peçam contas que nós aqui lhes apontaremos os nomes dos *engajadores*, e sem medo nem rebuço. Prohibam-se essas agencias, e prohibam-se d'uma maneira severa e imperiosa. Não lhes imponham só a contribuição industrial e o sello do diploma, porque, segundo nos consta, nenhum os tem pago. Obriguem-os a tirar uma licença d'essas infames agencias que lhe custe tres a quatro contos de réis, e por cada passaporte que se passar por essa agencia se pague a quantia de 150$000 réis como garantia para os que fogem ao recrutamento.

A ultima lei sobre os passaportes foi fumo de palha. Os engajados lá vão barra fóra rindo-se da innocencia das auctoridades, chegando o seu programma a terem signaes maçonicos quando sáem dos comboyos nas estações dos caminhos de ferro da capital e do Porto.

Sabemos isto tudo, e as auctoridades e o governo nada sabem.

Por que se não estabelece na capital e no Porto uma grande força de policia á chegada dos comboyos, e não se vigia, desfarçadamente, essas levas d'infelizes, obrigando-os a uma justificação plena da sua identidade nos governos civis tanto da capital como do Porto? Todos os dias embarcam engajados fugindo ao recrutamento, e o governo nada sabe, ou porque não quer, ou porque não se importa.

Pois é preciso que se olhe para isto e já, porque o paiz despovoa-se completamente, e povoações ha onde não se encontra senão algum velho septagenario ou algum aleijado.

Isto não pode continuar assim, e o paiz ver-se-ha a braços com uma crise medonha como ella se nos apresenta aos nossos olhos. A exportação do ouro é espantosa, e com ella a exportação da carne humana.

Repetimos: E' impossivel que isto continue, e se o governo fecha os olhos, se a tal commissão da emigração nada diz, que nós e todos os nossos collegas encetemos uma cruzada contra essa torrente d'emigração, mas que essa cruzada possa fazer pezo na consciencia do governo, para que acuda a um mal a que todas as nações tem acudido.

Isto é peor do que o socialismo, do que o anarchismo, do que uma epidemia: é a fome e a miseria com todos os seus horrores. Guerra e guerra de morte contra a emigração e contra esses infames **engajadores.**

Nós não descançaremos na santa cruzada que hoje nos impomos seguir e continuaremos, sentindo ter que fallar d'algumas auctoridades que bem conhecem os engajadores. Tenham paciencia. O paiz não deve soffrer as consequencias d'uma tolerancia que nos rouba os entes mais caros da familia e da nossa patria. Voltaremos ao assumpto.

Asserto

O nosso collega *Diario Popular* escreve no seu ultimo n.° o asserto que segue:

> «Na sua furia ultra-ministerial diz o *Diario Illustrado*, que o chefe do Estado é irresponsavel, e, portanto, indiscutivel. A consequencia excede a premissa. O chefe do Estado é irresponsavel por effeito da constituição do reino, mas esta nem a elle nem a Deus os declarou indiscutiveis. No mundo moderno nada ha indiscutivel, nem a nossa constituição em cousa nenhuma contraria o principio da livre discussão, que não pode ser confundida com a livre injuria; discutivel é até, pela carta, a religião do Estado, e indiscutivel nem Deus.»

Plenamente d'accordo com estas ideias, é dever nosso accrescentar, que não se governando actualmente o paiz pela Carta Constitucional que o governo actual proscreveu por completo, essa circumstancia põe o imperante fóra da lei e por isso é elle responsavel pelo que em seu nome e com a sua auctoridade exclusivamente se pratica.

Se a logica é um principio, a situação do actual imperante é esta.

Exames de habilitação para o magisterio

Sobre o assumpto um collega de provincia escreve o seguinte:

> «Depois de termos conhecimento do telegramma da direcção geral de instrucção publica para o commissariado da instrucção primaria d'este districto, mandando suspender a abertura do concurso dos ditos exames, pedimos informações ácerca da epoca em que elles viriam a fazer-se, e pessoa competentissima nos acaba de fazer scientes de que por emquanto se não póde precisar aquella época; que o decreto de 22 de dezembro ultimo vae por-se em execução; que, dado este caso, como não resta duvida de que se dará, deve ser cumprido o disposto no artigo 45.° do citado decreto, e com certeza não haverá mais exames perante as commissões districtaes; que são estabelecidos nas sédes de districto os cursos de habilitação para o magisterio, e que só depois d'estes começarem a funccionar é que o governo poderá mandar abrir o concurso em questão. São estas as informações fidedignas que nos fornecem de Lisboa.»

Pois é mau que assim succeda. Por este anno, pelo menos, deviam permittir-se os exames nas capitaes dos districtos onde tem estudado os que se propõem ao magisterio. Do contrario d'isto resulta que muitos, por falta de meios, deixarão de seguir a carreira, pois que não podem com as despezas de frequencia e exame longe das terras em que vivem. Tudo difficuldades, tudo embaraços para os que menos podem.

OS CENTENARIOS

A época é de espalhafatos, e como os centenarios vem longe, porque cem annos é muito tempo, já se não espera por cem annos, porque as vidas estão curtas, e então festeja-se o anniversario do nascimento, e não é só isso, mas mais ainda; porque um poeta fez annos, porque uma actriz passou n'uma cidade, porque faz annos que se inaugurou a sociedade dos bombeiros e assim o mais; mas se a época é de espalhafatos e tambem de comesanas, por qualquer acontecimento ha logo banquete com *menu* variado e palanfrorio á festa, bemdito Deus. Isto ao menos tem uma cousa boa, que é desviar a attenção publica de pensar no estado angustioso do paiz; valha-nos isso.

Agora chegou tambem a vez a Santo Antonio, ainda que não a contento de todos, porque alguns praguentos fallam das festas, mas se Portugal festeja outras celebridades, não ha razão para deixar no esquecimento um illustre portuguez, que honrou a patria com suas acções. E' verdade que Santo Antonio não honrou a patria vencendo batalhas e matando o seu semelhante; o seu fim era mais nobre e elevado; mas sim instruindo, ensinando, prégando e ganhando almas para Deus, fazendo tudo para todos, com o fim de os salvar, como diz S. Paulo.

A festa, pois, é nacional, e Santo Antonio era portuguez, e Portugal não é só Lisboa; e nós queriamos ver mais enthusiasmo e patriotismo nas outras terras. Agora é que appaeece Braga com o seu programma de festas; mas onde está Coimbra, terra em que Santo Antonio passou parte da sua vida, Porto, Vizeu, Evora e outras? Parece que lhe não corre nas veias o sangue d'um illustre portuguez, que honrou a patria com as suas virtudes.

A gratidão é uma grande virtude e fica bem a todo o homem, e Santo Antonio fica sabendo quem são os seus verdadeiros devotos e pagará generosamente a quem o venera, respeita e confia n'elle.

CARTA DE LISBOA

21 DE MAIO DE 1895.

O governo está fraco. E' sabido que não é já a vontade propria que o sustenta, é antes o capricho de quem mais alto está. A dispersão dos ministros, como que fugindo uns dos outros, completam o symptoma que para muitos é já uma realidade:—a queda proxima. As propostas para uma transacção com o partido progressista succedem se. A ultima é de que entregariam já o poder se o illustre chefe do partido progressista se compromettesse a não derrogar os decretos da dictadura—a considerar de bom quilate o *ouro* que fabricaram. De mais será dizer, que as propostas teem sido repellidas com a altivez de quem tem a consciencia dos proprios deveres e a integridade dos proprios direitos.

Para aggravar mais a situação do governo vem agora a questão dos estudantes, questão que revela o estado do espirito das classes illustradas do paiz. O facto é tão importante, e feriu tanto a susceptibilidade do commandante das guardas municipaes o sr. general Queiroz, que este se dirigiu hoje ao presidente do conselho exigindo uma completa reparação por causa dos acontecimentos escolares de domingo.

O facto praticado pelos estudantes vae ter consequencias mais largas: falla-se já na demissão do director da Escola Medica, sr. Arantes Pedroso, e ainda em outros actos repressivos.

Tudo isto dá a medida do estado da opinião. A camarilha que cerca o Rei faz-lhe ver tudo bem como no melhor dos mundos. A verdade é, porém, que o rompimento se aproxima, e a bomba que estalar no primeiro ponto levará o incendio a toda a parte e o futuro... será o que Deus quizer. Muito para sentir é—com tristeza o digo—que El-Rei não veja o precipicio em que maus conselheiros o collocam.

— Como se previa, o facto da *chántage* vae tornando difficil a posição do sr. ministro dos estrangeiros, pois que o comportamento de s. ex.ª não foi o que devia esperar-se de quem occupa tão elevada posição. A cumplicidade no crime, que poz fóra da communhão social um homem de talento e de estudo, é clara. Este, que foi levado á pratica do acto que praticou, pela deslealdade do ministro, não poderá responder só pelo que fez. A justiça terá de apurar o caso; mas a justiça... afinal não apurará nada contra o principal agente do crime, porque este é um ministro d'Estado, porque este é emfim um poderoso. A opinião publica é que prosegue no seu caminho, forte e intemerata, não poupando o stygma merecido a quem elle cabe quasi que exclusivamente. O infeliz já está em liberdade. Da fiança, que lhe foi arbitrada em 2:000$000 reis, foi seu garante um velho e honrado liberal, um dos mais antigos e illustrados professores do paiz, seu superior hierarchico, o sr. Luiz d'Almeida e Albuquerque, director da escola industrial de Lisboa. O homem cujo pensamento unico é fazer bem aos infelizes, é praticar actos bons, foi, sem mesmo para isso ser solicitado, o fiador do infeliz—do infeliz que não teria sobre si a responsabilidade que o esmaga, se não encontrasse cumplices que propositadamente o comprometteram.

— O sr. Mathias de Carvalho partiu hontem no *Sud-Express* para Roma, por Paris, com sua ex.ma esposa e filhas. O illustre homem publico teve na estação a despedida do illustre chefe do partido progressista, de sua ex.ma esposa e filhas, d'alguns membros do governo e de muitos homens importantes da politica portugueza. Suas ex.as vão por Turin, onde tem seus filhos, seguindo depois para Roma. O illustre diplomata preferiu a via terrestre ás contingencias do mar.

— O sr. conde da Ribeira, que é dos empregados do paço que nunca quiz fazer parte de Companhias, porque quiz conservar sempre o seu nome impolluto fóra do alcance das censuras publicas, está agora em S. Pedro do Sul desempenhando o seu alto cargo junto de Sua Magestade a Rainha D. Amelia. Logo que regresse d'alli irá com a Senhora Condessa e seus filhos para Cintra, e depois para Espinho, onde passarão a temporada dos banhos.

— O pedido do sr. visconde d'Asseca para que seja publicado o parecer da procuradoria geral da corôa, sobre a questão do Nyassa, é indeferido com o fundamento de que o documento é confidencial e que não pode por isso ver a luz publica. O governo fundamenta, n'esta informação dos procuradores da corôa, esta sua resolução.

— Sua Magestade a Rainha viuva reside actualmente no seu bonito e agradavel chalet do Estoril, onde tenciona demorar-se até outubro.

— O sr. Assis Brazil sáe hoje d'aqui para o Porto com tenção de visitar algumas povoações importantes do norte. O illustre ministro do Brazil é acompanhado por sua ex.ma espoza.

— Tem passado mal n'estes ultimos dias o illustre general sr. João Maria de Magalhães. Verdadeiro amigo do honrado militar e respeitador do seu elevado e primoroso caracter, faço votos pelo seu prompto restabelecimento.

— Os srs. viscondes de Faro Oliveira partiram hontem para as Caldas da Felgueira. Esta respeitavel familia demora-se alli 20 dias.

— O nosso bom amigo sr. Francisco d'Almeida e Brito, que tinha ido ao Algarve em commissão de interesse publico, já regressou d'alli.

— No ministerio da marinha recebeu-se o seguinte telegramma:

Lourenço Marques, 19, ás 6 h. e 30 da t.—Columna Incomati lançou ponte de barcos mais 180 metros. Atravessou hontem para Mapunga, residencia do Mahazul que incendiou. Revoltosos fugirrm. A'manhã irá bater Mokanda e terreno entre Mapunga e margem esquerda do rio. Prospero trabalho para occupar Inlimani.—*Ennes.*

O que acaba de ler se prova que as cousas de Lourenço Marques correm agora um pouco melhor.

— O *Diario* publica ámanhã o annuncio em que a senhora D. Anna Augusta de Carvalho do Valle, e seu filho o sr. Luiz Pereira do Valle Junior, requerem o pagamento dos vencimentos que ficaram em divida a seu fallecido marido e pae, o sr. Luiz Pereira do Valle, na qualidade de 2.° official, que foi aposentado do governo civil d'esse districto.

— Carlos Mello foi entregue á justiça e em seguida affiançado e posto em liberdade. Os seus collegas professores, ao terem conhecimento em conselho do seu pedido d'exoneração, fizeram entre si uma subscripção que produziu 110$000 réis, quantia que mandaram entregar a sua esposa.

— Deu-se aqui na Boa Hora um caso digno de notar-se. Um advogado a quem o juiz do 2.° districto não quiz admittir como defensor n'um processo, por ser tambem contador do juizo, aggravou do despacho, afim de que o caso seja resolvido pelos tribunaes superiores. Preciso dizer-lhe, que a opinião dos entendidos aqui é contraria ao procedimento do juiz.

— Foi aposentado com 666$665 réis de vencimento annual o muito digno professor do Lyceu d'Evora sr. João Augusto de Pina. Os serviços que s. ex.ª prestou ao ensino dão-lhe direito mais que ao vencimento, que fica percebendo, á consideração publica.

— Vão no dia 19 de julho á praça os vapores da Mala Real. São elles, o *Malange*, avaliado em 240:000$000; *Rei de Portugal*, em 226:000$000; *Tungue*, em 62:000$000; *Ibo*, em réis 38:000$000; *Cabinda*, em 7:000$000. Todos estes barcos se acham ancorados no Tejo, onde podem ser examinados. Parece que o governo pretende comprar alguns, cobrando-se assim do que a Companhia deve ao Estado.

— Vão começar as obras no extincto convento de S. Salvador, para o novo Dispensario da Rainha. O edificio foi generosamente cedido pela sua proprietaria, a sr.ª D. Thereza de Saldanha, illustre protectora de todas as instituições uteis.

— O *Diario do Governo* d'ámanhã deve publicar o decreto que auctorisa a camara da Feira a explorar as aguas minero-medicinaes denominadas Caldas de S. Jorge.

— Começa a sair gente de Lisboa. Para o campo, para as thermas e até para as praias vão saindo bastantes familias. Lisboa despovoa-se.

— Regressou hoje a bordo do vapor *Portugal* um contingente de 3 cabos e 39 soldados de caçadores 2, 4 soldados de caçadores 3 e 8 soldados de artilheria, que faziam parte da expedição a Lourenço Marques. Tambem vieram 3 sargentos, 3 cabos e 11 soldados do corpo de policia de Lourenço Marques, todos mais ou menos doentes, sendo 2 de certa gravidade, os quaes foram da alfandega mandados para o hospital. Para receber estas praças estavam na alfandega um official da administração militar, quartel-mestre e sargentos de caçadores 2, a banda do regimento, o coronel, o major e a maioria dos officiaes, que acompanharam as praças regressadas até ao quartel.

O vapor *Portugal* trouxe egualmente o tenente da armada, sr. Armando Bettencourt Furtado e 17 colonos. Soube-se que em Loanda desapparecera de bordo o cabo Alfredo José Gaspar.

Y.

A' ultima hora.—A questão de Nyassa complica-se. Chegaram hoje a Lisboa os homens mais importantes dos dois grupos estrangeiros que fizeram contratos com as duas administrações da famigerada companhia. Entre outros vieram os srs. Campbell e lord Russel. A'manhã esperam-se o sr. Wilson e outros.

— Em Faro sentiu-se hoje um tremor de terra.

Y.

CARTA DE COIMBRA

21 DE MAIO DE 1895.

Foi muito concorrido o *Te-Deum* celebrado em acção de graças pelo anniversario da sagração do sr. Bispo Conde. Surprehendeu pela maneira intelligente como se apresentou no pulpito um alumno do Seminario, o sr. Pinto, uma creança com grande vocação para a vida oratoria. No fim do *Te-Deum*, os alumnos do Seminario dirigiram-se ao sr. Bispo Conde com uma mensagem que foi lida por um estudante do 3.° anno de theologia d'aquelle estabelecimento de ensino. O sr. Bispo Conde commovido agradeceu e exortou aquelles moços no caminho do bem para que um dia fossem a honra da egreja e do estado. Foi um acto commovente. O Seminario estava profusamente embandeirado, e tocava no grande largo a musica *Boa União*.

— Como é sabido as aulas de direito encerram-se ámanhã. A faculdade de philosophia resolveu encerrar no dia 15; theologia no dia 17; mathematica no dia 15 e medicina no dia 3.

— Chegaram hontem a esta cidade 6 officiaes de artilheria 2 e quatro soldados em marcha de resistencia. Quando entraram em Condeixa eram 10 horas da manhã.

— Foi verdadeiramente deslumbrante o sarau promovido pela briosa officialidade de infanteria 23 em favor da *Cruz Vermelha*. O theatro Principe Real foi ornamentado com uma distincção nunca alli vista, a que é devida ao fino gosto artistico do sr. dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho:—flores entrelaçadas com a hera, vistosos arbustos por entre os utensilios de guerra, colgaduras em apanhados ao desdem, salientando-se a *Cruz Vermelha*. Não se descreve facilmente o effeito de tão extraordinaria e brilhante ornamentação. A casa cheia de formosas senhoras e cavalheiros do que ha mais distincto na cidade. A parte musical foi talvez a que teve mais completa execução, porque nunca n'esta cidade se organisou banda e orchestra mais harmonica e mais cheia. Um bravo caloroso ao incansavel maestro Ribeiro Alves, que conseguiu reunir tudo o que n'esta cidade ha de distincto na arte. A symphonia a Camões, as marchas do *Propheta* e da *Aida*, o côro do grupo de senhoras e cavalheiros tiveram execução primorosa. N'este côro entraram muitas meninas, e os primeiros cantores da cidade. Acompanhada pelo sr. Ribeiro Alves cantou ao piano a distincta cantora e pianista a ex.ma sr.ª D. Marcellina de Varnhagen, sobrinha do digno coronel do 23, o sr. Rebocho, a *Ave Maria*, original de Vellani, professor de canto dos mais conceituados de Lisboa e mestre da insigne cantora, que foi coberta dos mais calorosos applausos. A actriz Cinira Polonio desempenhou algumas cançonetas em francez com aquella graça e talento que todos lhe conhecem. Foram muito apreciados os srs. Antonio Martins e Luiz Martins, de Lisboa, no assalto de sabre e florete; e os trabalhos do grupo de alumnos do *Club Gymnastico Conimbricense*, que apresentou vistosos exercicios de escada. Foi uma noite de gala para o regimento de infanteria 23 e para a cidade, que tão fidalgamente se associou a esta tão notavel festa. A commissão composta dos srs. capitães Cavaco e Ramires, tenente Brandeiro e alferes Cruz e Lopes foi incansavel, e conseguiu a realisação d'um festival que hade ficar na memoria de todos os que a elle assistiram. Mil louvores a este tão distincto grupo de officiaes e ao seu honrado coronel, a quem a lembrança se deve e que tanto se esmerou na primorosa execução d'ella.

Z.

Custa tão pouco a ser-se bom rei!

Sob o titulo que precede estas linhas o *Commercio de Coimbra* escreve o seguinte:

Custa tão pouco a ser-se bom rei, amado dos cidadãos, querido, abençoado de todos! O sr. D. Carlos, magoado pelo que soube da intervenção de alguns empregados da sua casa em negocios escuros de companhias subsidiadas pelo Estado, resolveu dispensar do seu serviço quem não quizer abandonar o serviço d'essas companhias. E' um acto digno, honrado e bom, o acto de um monarcha intelligente e sensato. Applaudimos calorosamente. Desejavamos ter de applaudir sempre a marcha politica do primeiro magistrado da nação; somos imparciaes. O sr. D. Carlos quer manter limpa e séria a sua casa e cumpre uma alta obrigação affastando d'ella suspeitas e commentarios que poriam sombras na lidima reputação de uma côrte fidalga e honesta. Muito bem.

Veja sua magestade como uma resolução sua, necessaria, digna e elevada, conquistou logo o applauso dos homens bons do seu paiz. Calcule el-rei como seria encarecida uma resolução sua, tambem necessaria, egualmente patriotica, que fizesse volver ás normas mais perfeitas do regimen representativo a funcção constitucional dos poderes politicos da nação.

O dia em que sua magestade significasse ao governo a sua vontade de que se entrasse na legalidade normal pelo exercicio desassombrado do direito soberano dos povos, seria um dia de felicidade e alegria para este desgraçado e generoso paiz. Todas as resistencias cessariam, todas as desconfianças desappareceriam, as adhesões de muitos espiritos cautelosos cercariam a magestade do throno e estamos que se faria definitivamente o consorcio da monarchia e da liberdade, consorcio ainda facil, util e desejado.

Comprehendemos que se tivesse aberto um parenthesis na vida constitucional da nação. Foi um triste parenthesis de desvairamento, de obsecação, de teimosia. Mas é tempo de que cesse este estranho mal entendido. Basta. Um passo dado por el-rei e um passo dado pelos partidos approxima todos os que teem andado mal avindos por uma lastimosa pertinacia ou por um mutuo desconhecimento dos proprios direitos e dos proprios interesses.

Nós pedimos pouco, pedimos o restabelecimento das leis esquecidas e abandonadas, pedimos a observancia da constituição. Os reis não podem ser obstinados e altivos, ou só podem ter a obstinação de cumprirem as leis e a altives de serem fieis ao pacto fundamental. Custa tão pouco a ser-se um bom e querido rei, estimado de toda a gente, adorado de todos os corações!

Simplesmente exacto. Se o senhor D. Carlos forçasse os seus ministros a entrarem na via constitucional tornar-se-ia ainda querido do paiz. Custar-lhe-ia isso muito pouco: apenas o que fica indicado.

Companhia Nyassa-Panamá

Damos em seguida a conclusão aos documentos contidos no segundo folheto, ultimamente publicado, sobre negocios do Nyassa:

III

Ill.mo e ex.mo sr. — Accuso a recepção do impresso, assignado por v. ex.ª e pelo ex.mo sr. André de Proença Vieira, que recebi hontem 17 do corrente, relativo a varias questões sobre a Companhia Nyassa. Devo informar v. ex.ª, para seu conhecimento, que resolvi:

1.º Dar vista d'aquelle documento, por intermedio do ex.mo sr. conselheiro Arroyo, aos membros do conselho de Administração, actualmente em Lisboa, a que elle mais especialmente se refere.

2.º Enviar ao governo, pedindo as necessarias instrucções, a exposição feita por v. ex.ª e pelo ex.mo sr. André de Proença Vieira, bem como quaesquer observações que por ventura os membros do conselho de Administração, divergentes de v. ex.ª, queiram fazer sobre o assumpto.

2.º Remetter a v. ex.ª uma copia d'essas observações, se ellas me forem enviadas.

Espero ter satisfeito, por esta forma, os desejos por v. ex.ª manifestados na communicação impressa que me dirigio.

Deus guarde a v. ex.ª. — Lisboa, 18 de abril de 1895. — Ill.mo ex.mo sr. visconde d'Asseca. — O commissario regio, junto da Companhia do Nyassa, (assignado).—*Pedro Victor da Costa Sequeira.*

—

19 Abril.—*Ill.mo e ex.mo sr.*—Tenho a honra de accusar a recepção do officio de v. ex.ª, datado de hontem, 18 do corrente pelo qual v. ex.ª se dignou communicar-me o destino que tencionava dar ao protesto que o sr. André de Proença Vieira e eu haviamos dirigido a v. ex.ª no dia anterior.

Agradeço a v. ex.ª a resposta, mas para não haver duvida alguma sobre a minha maneira de pensar pelo que respeita á posição do ex.mo sr. conselheiro Arroyo em relação ao conselho de Administração da companhia, cumpre-me observar a v. ex.ª que, se v. ex.ª, dizendo-me que *por intermedio do sr. Arroyo* vae dar vista d'aquelle documento aos srs. administradores a quem elle mais especialmente se refere, quer com isto insinuar que reconhece aquelle sr. Arroyo como presidente do conselho de administração da Companhia do Nyassa, eu protesto contra tal modo de proceder, e v. ex.ª sabe tambem como nós que o sr. Arroyo deu a sua demissão do cargo de administrador, e que esta lhe foi acceita na sessão de 26 de janeiro, sessão a que v. ex.ª assistiu; se, por ventura a acta o não diz é porque está incompleta. Peço a v. ex.ª que não veja n'esta observação senão o intuito de não deixar passar n'esta questão phrase alguma que possa dar logar a interpretações duvidosas.

Deus guarde a v. ex.ª. — Ill.mo e ex.mo sr. Pedro Victor da Costa Sequeira, dignissimo commissario regio junto da Companhia do Nyassa, o presidente da Companhia do Nyassa, (assignado).—*Visconde d'Asseca.*

—

Ex.mo sr.—Tendo recebido do ex.mo sr. João Arroyo o impresso que envio a v. ex.ª, como resposta á carta que v. ex.ª assignou e me dirigiu, apresso-me a enviar-lhe um exemplar como indicava no meu officio de 18 de abril do corrente. V. ex.ª respondendo a este meu officio faz um ligeiro reparo á circumstancia de eu ter dado conhecimento da sua carta protesto aos administradores divergentes de v. ex.ª por intermedio do sr. conselheiro Arroyo.

O unico motivo porque não mandei o impresso assignado por v. ex.ª a cada um d'esses administradores foi porque v. ex.ª e o seu collega apenas me enviaram um exemplar do seu protesto e eu entendi dever informar o governo com a maior brevidade possivel do protesto de v. ex.ª e da resposta que por ventura lhe quizessem dar os administradores da Companhia a que fazia referencia a carta de v. ex.ª. A este respeito tomo a liberdade de rogar a v. ex.ª a fineza de me enviar um outro exemplar para eu archivar, visto como hoje foi remettido por mim para a secretaria da Marinha aquelle que v. ex.ª me mandou.

Deus guarde a v. ex.ª. — Lisboa, 22 de abril de 1895.—Ill.mo e ex.mo sr. visconde d'Asseca.—O commissario regio junto da Companhia do Nyassa, *Pedro Victor da Costa Sequeira.*

IV

Lisboa, 28 de março de 1895. — *Ill.mo e ex.mo sr.*—Tendo sido apresentada pelo sr. Wyler uma exposição sobre o seu contracto celebrado com esta Companhia em 9 do corrente, e sendo necessario que o conselho d'Administração delibere com urgencia sobre este assumpto, participo a v. ex.ª para os devidos effeitos, que é convocada a sessão do conselho para hoje, ás 5 horas da tarde, no escriptorio da Companhia, Rua do Alecrim n.º 20 A 1.º rogando muito a v. ex.ª de não deixar de comparecer, attenta a importancia da materia.

Sou com muita consideração de v. ex.ª, (assignado). —*Visconde d'Asseca.*

—

Carta do sr. Coelho de Carvalho sobre as omissões nas actas

Meu caro visconde. — Devolvo-lhe o folheto do sr. Arroyo, e remetto junto copia da communicação que foi feita ao conselho fiscal sobre a demissão d'aquelle senhor e que é a communicação, a que se refere a acta de 28 de janeiro do conselho de Administração publicada pelo sr. Arroyo, como tendo já n'essa data sido feita ao conselho fiscal. Foi em vista d'essa communicação que o conselho fiscal *nomeara* o sr. Almeida d'Eça.

Tambem na mesma acta publicada pelo sr. Arroyo, se lê que o conselho de Administração resolveu n'esse dia 28 communicar ao conselho fiscal que v. meu caro visconde, tinha sido eleito vice-presidente, que era o logar occupado pelo sr. Arroyo, o qual servia de presidente desde que Merk se exonerara. Fora sempre ponto corrente entre todos nós que se devia reservar a presidencia effectiva para ser provida quando se arranjasse definitivamente fundos para a Companhia. E por isso v. ex.ª assignava «pelo presidente». Agora vejo na acta publicada uma redacção dubia sobre este ponto, da qual o sr. Arroyo quer concluir que foi eleito presidente!... Estranha fórma de eleger o presidente! Nem elle proprio deu por tal eleição durante quasi dous mezes! Nem podia nunca dar, por isso que tendo-se demittido em 26 de janeiro de administrador, não podia ser eleito presidente depois d'isso. Isto é incrivel!

Demais, o sr. Eça, nomeado para preencher a vaga deixada pela demissão do sr. Arroyo, toma posse no dia 30 de janeiro (acta n.º 14) e desde então, em todas as reuniões da direcção até ao assalto do dia 13 de março nunca mais se falla do sr. Arroyo.

Entretanto é certo que as actas publicadas pelo sr. Arroyo não são a expressão exacta do que se passou em algumas das differentes sessões! Além d'outros pontos de redacção dubia, e, por conseguinte, sophismavel, ha omissões que se podem provar.—Por exemplo, a da demissão do sr. Arroyo, prova-se por testemunhas e cartas e pela acta do conselho fiscal de 28 de janeiro, confirmada pela de 21 de março, que o sr. Arroyo publicou; e a importante omissão no final da acta da sessão de 19 de janeiro publicada pelo sr. Arroyo, pode tambem supprir-se com a publica forma da respectiva minuta por todos os presentes rubricada e que dizia assim:

E disse mais (o sr. commissario regio) *que lhe haviam sido enviadas de Londres 1:000 libras de acções, considerando isto o sr. Wilson como remuneração que lhe era devida pelos seus serviços, nos termos dos estatutos, não as acceita e põe-n'as á disposição da Companhia.* Onde está isto na acta publicada pelo sr. Arroyo? Ora, com esta maneira tão seria de fazer escrever actas no respectivo livro, já v. ex.ª vê o que se pode concluir das peças publicadas pelo sr. Arroyo. Eu, por mim, declaro que não reconheço senão as minutas que por mim foram rubricadas, e ainda assim só depois de verificação. Faça v. ex.ª d'esta carta o uso que quizer. Sempre

De v. ex.ª, collega obrigado,
Coelho de Carvalho.

—

Copia da communicação feita ao conselho fiscal sobre a demissão do sr. Arroyo

(As publicas-fórmas foram entregues no ministerio)

Companhia do Nyassa.—
Sociedade anonyma de
responsabilidade limitada. — Rua da Prata, 145, 1.º andar.—
Endereço telegraphico, Rovuma.

Lisboa, 26 de janeiro de 1895.—*Ill.mos e ex.mos srs. Paulo de Azevedo Chaves e J. J. Coelho de Carvalho, vogaes do conselho fiscal da Companhia do Nyassa.*—Cumpre-me communicar a vv. ex.as que o sr. conselheiro Arroyo, por carta dirigida aos vogaes do conselho de administração, e apresentada hoje em sessão, deu a sua demissão do cargo de administrador da companhia. Não foi possivel demover s. ex.ª d'esta sua resolução e em consequencia o logar de s. ex.ª está definitivamente vago e urge que o conselho fiscal preencha a vaga nos termos da lei.

De vv. ex.as attento e collega obrigado
(a) *H. S. B. Mitchell*, secretario.

—

Omissões na acta X

José Xavier Silveira da Mota, bacharel formado em direito pela universidade de Coimbra, perito em paleographia e tabellião publico de notas da cidade de Lisboa.

Certifico que me foi apresentada meia folha de papel commum de côr azul formato grande escripta toda uma lauda e parte d'outra, tendo palavras riscadas e entrelinhadas e tendo mais a segunda banda o carimbo do sello de verba e numero quarenta e oito. Pagou cem réis de sello. Lisboa, 25 de abril de mil oitocentos noventa e cinco. Azevedo=Costa.

E da confrontada meia folha de papel me foi pedida por certidão a seguinte.

Verba

O senhor commissario régio declarou que via com agrado o caminho que as cousas da companhia iam tomando e os esforços que se faziam para dar uma verdadeira e util orientação aos negocios da companhia e disse mais que tendo sabido que lhe haviam sido enviadas de Londres libras mil de acções, e considerando isto o senhor Wilson como remuneração que lhe era devida pelos seus serviços nos termos dos estatutos, não as acceita e põe-nas á disposição da companhia.

Não havendo nada mais a tratar, foi encerrada a sessão.

Approvado.
Coelho de Carv.º
H. S. B. M.
Arroyo.
Approvado, A. de P. Vieira.
Visconde d'Asseca.
Ant.º Centeno.
Fui presente, P. Victor.
Avd.º Chaves.

Nada mais me foi pedido por certidão da confrontada meia folha de papel á qual me reporto e com que conferi e consultei esta na parte pedida e declaro que tem riscada a lauda de que transcrevo as palavras—*reconhecendo* e tem em entrelinhas as palavras—*sabido*—*seus*.

Passada, por me ser pedida, n'esta cidade de Lisboa, aos vinte e cinco de abril de mil oitocentos noventa e cinco.

E eu José Xavier Silveira da Mota, tabellião publico de notas na cidade de Lisboa a escrevi, rubriquei, subscrevi e assigno em publico e raso.

Em testemunho da verdade—O tabellião, *José Xavier Silveira da Mota.*

A COMPANHIA PORTUGUEZA DE PHOSPHOROS

O *Diario* publicou os estatutos da companhia portugueza de phosphoros, o alvará que os approva, e um decreto organisando o quadro da fiscalisação sobre as fabricas de phosphoros. Este quadro é composto d'um commissario régio, um commissario adjuncto e um secretario, havendo além d'isso mais um inspector junto de cada uma das fabricas e as praças da guarda fiscal indispensaves. O commissariado terá a sua séde em Lisboa, e o commissario régio, o seu adjuncto e o secretario terão respectivamente os mesmos vencimentos de cathegoria que os directores geraes, chefes de repartição e segundos officiaes do ministerio da fazenda, e os de exercicio serão tambem, respectivamente, de 600$000 réis, 380$000 réis e 100$000 réis. Os inspectores terão o vencimento de cathegoria de 480$000 réis e o de exercicio de 180$000 réis, emquanto desempenharem as respectivas funcções.

Ao commissario régio ou ao adjuncto, no seu impedimento, será abonada uma ajuda de custo respectivamente egual á que é abonada aos funccionarios de identica cathegoria junto das fabricas de tabaco de Lisboa, quando tenham de fazer serviço de inspecção a alguma fabrica de phosphoros que esteja fóra da séde do commissariado. Esta ajuda de custo não poderá exceder trinta dias em cada anno civil. O commissario régio será de livre nomeação do governo, e em tudo equiparado aos actuaes commissarios régios junto ás fabricas dos tabacos; e o seu cargo é accumulavel com qualquer outro serviço publico, emquanto os seus vencimentos forem pagos pela companhia.

*

Para o logar de commissario adjuncto ao commissario régio das fabricas de phosphoros e isca, foi nomeado o sr. José Correia Loureiro, antigo commissario geral da extincta policia fiscal. Para o cargo de secretario do commissariado, foi nomeado o sr. José Alves de Castro, chefe de secção addido á guarda fiscal e antigo chefe de serviço do mesmo extincto commissariado.

Os srs. Antonio Thomaz David, chefe de secção addido da guarda fiscal, e Emygdio de Oliveira, antigo commissario districtal da extincta policia fiscal, foram nomeados: o primeiro para inspector junto da fabrica de phosphoros e isca de Lisboa; o segundo para o mesmo cargo, junto da fabrica do Porto.

*

Segundo os estatutos da sociedade anonyma que se denomina Sociedade Portugueza de Phosphoros, o capital social é de 1:200 contos, dividido em 24:000 acções do valor nominal cada uma de 50$000 réis. D'estas, 23:950 são representativas dos valores da concessão de todo o activo das fabricas representadas pelos outhorgantes. As restantes 50 são subscriptas em partes eguaes para serem integralmente pagas pelos ultimos cinco outhorgantes, achando-se assim o capital integralmente subscripto. A companhia póde emittir obrigações. A sua séde é em Lisboa. A exploração será sempre exercida, pelo menos, em duas fabricas: uma em Lisboa e a outra no Porto. A administração é confiada a um conselho, composto de 9 vogaes, cuja duração será de tres annos. O conselho escolherá d'entre si dois administradores delegados, que representarão a sociedade activa e passivamente. Funcciona junto á administração um administrador delegado, nomeado pelo governo, com o ordenado de 1:200$000 réis. Este funccionario assiste ás sessões, conselhos de administração e fiscal e ás assembléas geraes. A retribuição do conselho de administração é de réis 4:500$000, por anno, a dividir por todos e mais a percentagem de 10 p. c. dos lucros liquidos excedentes a 6 p. c. Os administradores delegados receberão mais a quantia que o conselho votar. A fiscalisação da administração pertence a um conselho fiscal, composto de 5 membros, cuja retribuição é de 600$000 réis, a dividir por todos os vogaes, e a percentagem de 2 p. c. dos lucros liquidos excedentes a 6 p. c. Dos 9 administradores já estão escolhidos 7, que são os srs. Antonio Joaquim de Moraes, Wiliam Bleck, Alberto Brisson, Carlos Reincke, José Ferreira Guimarães, José Ribeiro de Castro e João Soares de Oliveira. Os administradores delegados são os srs. Alberto Brisson e Wilian Bleck. Só podem entrar na constituição da assembléa geral os quarenta maiores accionistas com deposito ou averbamento, pelo menos, 60 dias antes da reunião, preferindo em egualdade de numero de acções os accionistas com prioridade de deposito e averbamento e ainda em egualdade de condições os que forem accionistas ha mais tempo.

NOTICIAS DIVERSAS

Demissões pedidas.—Como já dissemos o sr. visconde de Asseca, sua esposa e sua mãe, as sr.as viscondessas de Asseca, pediram a demissão dos cargos que tinham na côrte. O sr. visconde de Asssecca, além de veador da rainha senhora D. Maria Pia, era almotacé mór, cargo hereditado na familia; sua mãe, a sr.ª viscondessa de Asseca (D. Marianna), era dama honoraria da rainha senhora D. Amelia, e sua esposa era dama camarista da rainha senhora D. Maria Pia.

A proposito d'esta noticia, a que todos os jornaes da noute fazem referencia, damos os apontamentos que se seguem e que mostram que as honras de almotacel, ou almotacé-mór, logar muito distincto da côrte, andam ha mais de um seculo na nobre casa de Asseca. O almotacel-mór, era o official da casa real, que tinha por obrigação prover dos mantimentos a côrte no logar em que ella estivesse. Herdeiro de um nome illustre e representante de uma das casas mais nobres do paiz, o actual visconde de Asseca tem sabido manter dignamente as tradicções honradas de sua familia. E', de certo, ainda como homenagem a essas tradicções que elle, sua ex.ma mãe e sua ex.ma esposa acabam, como acima dissemos, de pedir a demissão dos altos cargos que desempenhavam na côrte. Eis os apontamentos a que já nos referimos —diz o *Commercio de Portugal*:

Antonio Maria Correia de Sá e Benevides Velasco da Camara, 8.º visconde d'Asseca, *com honras de Grande*, que competem aos Condes, *de juro e herdade, dispensada duas vezes a Lei Mental*, mercê feita em virtude das condições do contracto da subrogação e permuta da Capitania dos Corpos de Goytacazes, de que foram Donarios seus antepassados, e de que n'estes termos o 4.º visconde d'Asseca ajustou aquelle contracto com os Procuradores da Corôa e da Fazenda do Ultramar, e foram approvados por Decreto de 1 de julho de 1753.

10.º Almotacé-mór do Reino (Official-mór da Casa Real), *em sua vida*, cujo Officio entrava na casa d'Asseca por fallecimento, sem deixar successão, de João Gonçalves da Camara Coutinho, 5.º Almotacé-mór do Reino, e este e seus maiores, pela cedencia do direito e acção que á successão da mercê d'este Officio podessem ter D. Francisca Gonçalves da Camara e D. Luiz Gonçalves da Camara, Principal Presbytero da Santa Basilica Patriarchal, feita em Lisboa a 14 de janeiro de 1788, em favor de seu sobrinho o 5.º visconde d'Asseca, Salvador Correia de Sá Benevides, e lhe foi deferida por Decreto de 15 d'agosto e Carta de 11 de setembro de 1805. Par do reino por carta regia de 30 de abril de 1826, de que prestou juramento e tomou posse na camara dos pares, em sessão de 14 de novembro do mesmo anno, suspenso do exercicio do pariato em virtude do decreto com força de lei de 25 de maio de 1834, annullado pelo decreto com força de lei de 23 de maio de 1851, que restabeleceu no exercicio do pariato os dignos pares d'elle privados por effeito do citado decreto, e lhes franqueou o ingresso na respectiva camara, precedendo novo juramento.

Havendo fallecido o 6.º visconde de Asseca a 5 de julho de 1844, em observancia das disposições do supramencionado decreto com força de lei de 23 de maio de 1851, succedeu no pariato, por direito hereditario, seu neto, o 8.º visconde d'Asseca de que prestou juramento e tomou posse em sessão de 23 de março de 1872; doutor em sciencias politicas, e administrativas pela universidade de Bouvain, (Belgica); que nasceu a 4 de agosto de 1846.

Centro progressista de Coimbra.—Reuniu-se este centro sob a presidencia do sr. conselheiro Pedro Monteiro Castello Branco, sendo secretario o sr. Menezes Parreira. Depois de ser feita a narração do que se passou na assembléa geral do partido, reunida no dia 5 em Lisboa, foram votadas por unanimidade as seguintes moções:

«1.ª que na acta seja consignado um voto de louvor e agradecimento aos delegados do centro que foram a Lisboa represental-o; 2.ª, que o centro reconhece que é á tenacidade, firmeza e altos dotes moraes do illustre chefe do partido progressista, o sr. conselheiro José Luciano de Castro, que é devido o exito brilhante da assembléa geral do dia 5; 3.ª, que o centro procurará por sua parte cumprir, como é seu dever, as resoluções sabiamente tomadas na mesma assembléa geral.»

Na discussão tomaram parte os srs. dr. Bernardo d'Albuquerque, dr. Assis Teixeira, dr. Dias da Silva, e conselheiro Costa Allemão. Ficou n'esta sessão organisada a commissão executiva do partido progressista de Coimbra. A reunião foi muito concorrida e animada.

Noticia grave.—Sob este titulo informa o *Correio Nacional*:—«Lêmos no *Times* que está proxima uma grande guerra indigena no Zoutpansberg, pouco mais ou menos a 600 kilometros ao norte de Johannesburg. Como se sabe, foi n'esta região que as forças do Transwaal tiveram grandes difficuldades no anno ultimo na lucta contra os cafres commandados pelo chefe Malaboseh. D'esta vez é Magata, o chefe supremo das tribus da montanha, que declara as hostilidades ao Transwaal. As tribus começaram a aggremiar-se e parece que a guerra está imminente. Os indigenas possuem armamento moderno, importado pelo territorio portuguez, segundo diz o telegramma de Pretoria. O general Joubert está procedendo á organisação do exercito, que marchará conta as tribus revoltadas. As forças comprehenderão 8:000 a 12:000 auxiliares indigenas, dos quaes 5:000 pertencentes á *élite*. A campanha começará immediatamente; conta-se que em seis mezes esteja terminada. Não queremos insistir sobre a importancia que para nós reveste esta sublevação; já os anteriores movimentos dos cafres se tinham repercutido mais ou menos nos nossos territorios, mas um facto que nos intriga é esta asserção poremptoria do telegramma ou do jornal que os armamentos para os indigenas entraram pelo nosso territorio. Como se explica isto? Será a insidia estrangeira a malsinar-nos com os povos civilisados, ou será uma triste verdade? Bom seria que sobre isto se dissesse alguma cousa que nos tranquillise.»

A cura do cancro — Um novo sôro. — Repetimos a noticia que segue por julgar isso de conveniencia:

Os drs. Charles Richet e Hericourt, n'uma communicação enviada á Academia das sciencias de Paris, affirmam ter descoberto um tratamento para curar o cancro. Segundo dizem conseguem isso por meio de injecções d'um sôro botido de animaes aos quaes tenha sido injectado o producto da maceração de um tumor canceroso. O tratamento dá resultado em brevissimo praso, sem que até agora tenha produzido perturbações ou accidentes nos enfermos submettidos a elle.

Os Dois Orphãos.—Recebemos as ultimas folhas do 1.º volume d'este notavel romance, cujo resumo é e seguinte:

No acampamento dos saltimbancos.

O marquez de Montbazon, depois de haver apertado de encontro ao coração a pequenina Magdalena, que se debatera chorando e gritando aterrorisada nos braços d'aquelle homem, que lhe era completamente desconhecido, procura mostrar ao saltimbanco o seu intimo reconhecimento, e dá-lhe as necessarias instrucções para poder elle entregar a creança em mãos seguras, em Nantes...

De subito ouve-se perto uma detonação, e outra, e outra, seguidas de uma descarga... O marquez cahe varado por uma bala, e junto d'elle cahem seguidamente como fulminados o palhaço Guilherme, o pequeno Blphégor, Manette, Sylvia, Magdalena...

Segue-se a mais horrorosa das carnificinas! Os soldados republicanos, precipitando-se de surpreza sobre os realistas, matam e trucidam os seus irmãos pelo simples crime de professarem ideias politicas, diversas d'aquellas que elles sustentam! Ao cabo de uma hora de horrorosa refrega, termina o combate... por falta de combatentes em um dos campos, e os republicanos retiraram triumphantes, deixando estendidos sobre a terra alguns centenares de mortos e de agonisantes!

Mais tarde Belphégor, que cahira atordoado pelo impeto dos atacantes, mas que não recebera ferimento algum, recupera os sentidos, e ergue-se espavorido... O espectaculo, que surge ante os seus olhos, é medonhamente aterrador... Seu pae, sua mãe, a irmasinha querida, assim como o desconhecido, que tão enthusiasticamente beijara a pequenina Magdalena, todos jazem por terra, immoveis, frios, com as feições horrendamente contrahidas nadando em um mar de sangue... mortos todos!

A pobre Magdalena cahira desmaiada sobre o corpo inanimado da desgraçada Manette...

Recebem-se assignaturas.

«Lua de Mel».—A magnifica bibliotheca que tem feito uma verdeira revolução no nosso meio litterario, acaba de brindar o publico com mais um livro precioso, de Hector Malot, o suggestivo romancista. Intitula-se este volume *Lua de Mel*. Como os outros, custa apenas um tostão. Lê-se de um folego, com interesse crescente. Romance de amor como o *Lyrio no valle*, de Bulnac, ou o *Raphael*, de Lamartine, obriga nos a uma tensão de espirito, como aquelles, pelo encanto das scenas e pelo modo como se insinuam em nós esses personagens sympathicos, desde a mulher casada que claudica e a quem um mancebo revela mysterios até então insondaveis, até ao par de amantes que fecha o livro com um beijo! Se juntarmos a isto uma perfeitissima e cuidada traducção do sr. Antonio Bandeira, teremos dado a idéa vaga de mais uma perola litteraria com que a Nova Bibliotheca Economica, na sua propaganda da editoração barata, nos acaba de brindar.

PELO ESTRANGEIRO

O duque de Orléans. — Dizem de Sevilha ao *Figaro* que segue nas melhores condições a convalescença do duque de Orléans, e tanto assim que a condessa de Paris e as princezas Helena e Isabel não tardarão a partir de Sevilha para Paris e

---

160 FOLHETIM

Henrique Perez Escrich e Francisco de P. Entraal

MAGDALENA

DECIMA 1.ª PARTE

VINGANÇA DE MAGDALENA

VII

Interrogatorio

Rodolfo começou a fallar, mas como se lhe involvessem as idéas e a voz se lhe tornasse tremula e a custo perceptivel, André tomou a palavra:

— Meu querido Paulo, este miseravel é o mesmo que tentou atropellar-te com o cavallo no passeio do Prado, o mesmo que incitou Torrelamar a bater-se commigo, e que depois de passar por um moço afortunado entre os elegantes da côrte, se vê reduzido a desempenhar o triste papel de assassino! Este homem é Rodolfo, é o barão de Castelmare, e não sei como se appellidou esta noite para se introduzir na casa hospitaleira de tua mãe; mas o seu nome verdadeiro é Trindade, o filho espurio de Moran.

— E' pena, disse Paulo, que a tua intervenção evitasse o desafio, porque então talvez tivessemos poupado a minha mãe este desgosto.

Magdalena não comprehendia do que se fallava.

— Pelo contrario, objectou André, isto nos dará a chave de uma nova intriga, cujas consequencias evitamos em parte com os succesos d'esta noite. E voltando-se para Trindade, continuou:

— Eu sei tudo. Sei que no dia em que poupaste a vida a Luiz Torrelamar, este se offereceu para matar-me em duello, com tanto que Paulo succumbisse tambem debaixo do fio da tua espada. Sei que o receio que lhe inspiravas lhe fez receber os meus insultos com visivel colera, e que hoje mesmo, em quanto eu estava no seu palacio, tu, occulto na casa immediata, ameaçavas a minha existencia. Antes de Moran te proteger e reconhecer por filho, em consequencia talvez do que ouviste na hospedaria da Europa, onde eu estive conversando com Anna, havia-te elle constituido, por meio de um documento falso, dono da sua quinta, encarregando-te antes de assassinares Simão. O manuscripto intitulado: *Apontamentos da minha vida*, foi de certo roubado por ti; depois acompanhaste Maria até ao ponto em que a tua carruagem a esperava, com o fim de que ella não podesse revelar á justiça a desapparição de Simão. E's tu tambem o auctor das cartas que durante algumas horas inquietaram minha irmã; és finalmente a chave da intriga que se tem tramado contra Paulo e Magdalena. Sabes por Moran o naufragio do *Poderoso*, a herança que João de Mormontel deixou para Anselmo ou sua familia; conheces o que tem succedido, e que Paulo é o legitimo herdeiro da avultada somma roubada por teu pae; viste-me hontem á noite no Casino e em tua casa; não ignoras a conferencia que tive com Moran, e que este, aproveitando-se, não da sua coragem nem do meu susto, porque não temo a morte, mas de outras rasões poderosas, me ameaçou, e tirando me os papeis que levava na minha carteira, quiz matar-se, porque julgava d'esse modo reduzir á impotencia os seus mais poderosos inimigos. Depois viste que o surprehenderam, e conduzindo-o á prisão, sem duvida pensaste: Acabando com Paulo e Magdalena, meu pae, que ha de ser accusado por elles, fica em liberdade, e a sua liberdade é a minha fortuna.

— Pois bem, disse Rodolfo, tudo isso é certo. Eu queria livrar-me do unico homem que, possuindo o segredo de meus delictos anteriores, me opprimia e escravisava, e livrar-me ao mesmo tempo de Paulo e Magdalena; mas antes de chegar a esse extremo, pedi hospitalidade n'esta casa com um nome supposto. Comtudo, a minha intenção não era outra senão implorar perdão para meu pae, e se ameacei esta senhora, não era com o fim de assassinal-a, mas para lhe tolher qualquer grito ou movimento.

— E que mais querias dizer-lhe? perguntou André com severidade.

— Queria que me entregasse os documentos pelos quaes póde meu pae ser condemnado, para fugir de Hespanha tão depressa elle obtivesse a liberdade.

— Que documentos, visto que Moran destruiu hontem todos os que eu levava no bolso, por meio de miseraveis ameaças? Além de que, se era para pedires o perdão de teu pae, porque não te apresentaste com o teu verdadeiro nome?

— Porque tu impedirias que eu chegasse á presença d'esta senhora.

— Mentes! disse André. E visto que o teu designio era commetter mais um crime, vou entregar-te á justiça, perdoando-te a vida, por consideração a Magdalena.

—André! exclamou esta, bem desgraçado o tornou o remorso, deixe-o em liberdade, e talvez Deus lhe illumine a alma para que possa comprehender o mal que tem feito e pensar no bem que póde ainda fazer.

— Não, minha senhora, tenha paciencia, replicou André, se hoje o deixamos, amanhã reincidirá, porque Trindade é uma d'essas naturesas monstruosas que só gozam no mal.

— E' impossivel perdoar-lhe, minha mãe, interveiu Paulo, e se este miseravel não tivesse descido a um ponto aonde não posso acompanhal-o, eu lhe faria vêr tudo o que valho.

— Meu filho, insistiu Magdalena, quanto maior fôr a offensa recebida e a perversidade do inimigo, tanto maior deve ser a nossa commiseração para com elle.

Esta longa conversação em voz alta, tinha despertado Angela, que corrêra tambem á sala de costura.

Querendo pôr termo a uma entrevista cuja solução era difficil, André dirigiu-se a Magdalena.

— Sinto muito, minha senhora, não acatar, como costumo, os seus desejos; mas não posso prescindir de entregar Trindade á justiça.

E como ella quizesse oppôr-se, André agarrou Rodolfo por um braço, e levou-o bruscamente da sala. Paulo abraçou novamente sua mãe; e Angela, depois de saber por Magdalena o succedido, contou-lhe mais circumstanciadamente a chegada do falso Garpar Rey, rematando n'esse tom especial que presta a experiencia:

— Não lhe dizia eu, minha senhora? parecia que m'o adivinhava o coração!

Magdalena mandou fechar a porta da rua, disse a Angela que se retirasse, e ficou só com Paulo.

—Meu filho, temos muito que fallar.

Paulo sentou-se ao lado de sua mãe.

— E eu tambem tenho que te dizer, porque de algumas horas a esta parte mudou a face de nossa vida. Quem havia de dizer-me que em quanto te vias ameaçada por esse miseravel a quem André castigará devidamente, sentiria eu todo o regosijo de quem vê realisados os seus sonhos de gloria e de fortuna!

— E' possivel!

— Sim, minha mãe. André e eu fomos a casa do barão, que nos obsequiou de um modo extraordinario, e não contente com os favores que nos tem dispensado, concedeu-me uma pensão para eu lhe formar uma pequena galeria.

Magdalena apertou expansivamente as mãos de seu filho.

— Desde agora, continuou Paulo, não precisas trabalhar para conseguir a sustentação d'esta casa. O barão concedeu-me um avultado rendimento, que eu te offereço.

— Não, não, meu filho: quero trabalhar, porque o trabalho dá consolação, e tu não deves pensar em mim nem nos meus deveres, mas sómente em proporcionar-te uma posição estavel e commoda, para seres algum dia o amparo da pobre Alexandrina. Goza o que não tens gozado, considera realisaveis já todos os sonhos formados pelo teu espirito enthusiasta, e pensa em fazer-te credor, pela honradez, da amisade dos que te offerecem mão protectora, porque o trabalho e a gratidão são o mais bello dom de uma alma nobre.

— E' que tu não calculas qual vae ser a minha posição. Desde ámanhã, além dos quadros que pintar, terei trinta mil reales.

— Trinta mil reales! repetiu Magdalena. Muito desejo o teu engrandecimento, porque elle me dá descanço e alegria; mas peço-te, meu filho, que não acceites mais do que o valor dos teus trabalhos, não seja que o barão tenha um duplo fim em recompensal-os d'esse modo.

— Porque, minha mãe?

— Porque me parece muito o que te offerece, com quanto eu te julgue merecedor de muito mais.

— O barão é um homem poderoso.

— Conheces sua vida?

— Sei unicamente que me trata como a um filho, que deseja proteger-me, talvez pelo que Mendoza lhe dissesse de mim, e que se empenha em em que o acompanhe á mesa diariamente.

— E tu que respondeste?

—Recusei da melhor maneira possivel a sua offerta generosa.

— E disseste-lhe a nossa morada? Fallaste-lhe da nossa situação?

— Não lhe fallei a tal respeito.

— Estimo bastante, porque não quero que o barão venha visitar-nos, dando-lhe occasião por tal motivo a proteger-nos. Bem sabes, meu filho, que não é por orgulho que digo isto.

— Bem sei: queres evitar de sermos pesados a esse nobre cavalheiro, e não dar motivo á maledicencia.

— Exactamente.

— Adivinhando isto mesmo, tinha recommendado a Mendoza que nada dissesse ao barão a respeito da nossa sorte.

— N'esse caso...

— Farei o mesmo no futuro; e para que o nosso recente conhecimento não lhe desperte curiosidade a nosso respeito, occultar-lhe-hei esta parte da minha vida.

— E' esse o meu parecer, disse Magdalena.

E depois de dar alguns conselhos a Paulo, continuou:

—Não posso esquecer-me de André.

— Não tenhas cuidado: André é demasiado valente para termos de receiar a seu respeito.

— Isso tranquillisa-me.

— E alem de valente é muito cauteloso.

— Pois fallemos em outra coisa.

Magdalena levantou-se, tirou da gaveta de uma das mesas os papeis que pouco antes lhe tinham entregado André e Simão, e dispoz-se a referir a seu filho o succedido com Moran.

(*Continua.*)

d'alli para a Inglaterra. Dá-se tambem como provavel que o casamento da princeza Helena se realisará na primeira quinzena do proximo mez de junho, logo que o duque de Orléans regresse a Stowe House.

O Brazil e a França. — Lêmos no *Temps* chegado ha dias:

«Os jornaes do Rio de Janeiro fallam de novas reclamações da França provocadas por outras revelações recentes sobre a execução summaria de 14 francezes no Paraná, durante a ultima revolução no Brazil. O *Jornal do Commercio* diz que aquelles 14 estrangeiros, cujos nomes possue, se tinham alistado na guarda nacional de S. Paulo, mas que no Paraná se negaram a servir, pedindo para se retirar sob o pretexto de que o batalhão queria sublevar-se. Fuzilaram os, ao mesmo tempo que um italiano que havia sido recrutado á viva força. O rumor d'estas execuções summarias espalhára-se em Pariz em junho do anno passado: Fallava-se então de onze francezes fuzilados, dando-se os nomes seguintes. Ange Alessandrini, Louis Ytier, A. Tavernier, Jean Louis X., Jules Leca, Xavier Manisck, Léon Bernard, Joseph Boulet, Jean-Marie Lamer e Victor Patard. O boato foi officialmente desmentido. Hoje, porém, parece confirmar-se, como se confirmou a execução dos engenheiros Buette e Muller e de Deville, que tambem fôra formalmente desmentida.»

Bismark galanteador.—Ao receber ultimamente uma deputação de damas da Silesia, Bismarck declarou lhes que se as mulheres tivessem mais influencia nas eleições, estas teriam um caracter mais nacional, mais popular, sendo os seus resultados mais satisfactorios. Não se póde ser mais galanteador.

O caminho de ferro de Pretoria a Lourenço Marques.—Os jornaes francezes publicam diversos extractos do relatorio do consul da França em Pretoria, a capital do Transvaal, relatorio concernente ao anno de 1894. No capitulo relativo a caminhos de ferro, o consul francez diz o seguinte:

«O grande acontecimento do anno foi, em dezembro ultimo, a abertura aos passageiros e ao trafico das mercadorias da linha de Lourenço Marques a Pretoria. A capital da republica Transvaaliana está, portanto, d'ora ávante em communicação pela via ferrea com:

A cidade do Cabo.	1:674 kilometros
Porto-Elisabeth...	1:191 »
East-London.....	1:114 »
Lourenço Marques.	693 »

O projecto por muito tempo acariciado por Kruger, presidente do Transvaal, está finalmente realisado, apesar de todas as difficuldades politicas, financeiras e materiaes que se oppunham á sua realisação. O Transvaal está ao presente libertado da jugo que não cessava de fazer pesar sobre elle a colonia do Cabo, que julgava reter para sempre e sem competencia possivel as chaves do centro da Africa e mais particularmente as do Transvaal. O trafico vai por consequencia soffrer um deslocamento notavel em detrimento dos portos de aquella colonia, em razão da reducção do trajecto por terra e das facilidades que se encontram em Lourenço Marques. O porto de Lourenço Marques aindn não corresponde ás necessidades de um trafico importante, mas espera-se que, incitados pelo proprio interesse, os portuguezes saiam da apathia que os caracterisa e saibam aproveitar as vantagens da sua posição geographica».

Os grandes casamentos na America. — Um membro da camara dos communs da Inglaterra e antigo sub-secretario da India, G. A. Curzon, casou recentemente com uma rica herdeira dos Estados Unidos, miss Leiter. Este casamento foi para a sociedade americana um verdadeiro acontecimento. Curzon é filho de lord Scarsdale, e não faltam exemplos que mostram a influencia que exercem nas mulheres americanas os titulos de fidalguia do velho mundo. No dia do casamento milhares de pessoas agglomeraram-se em volta da egreja, e os jornaes de Chicago travaram verdadeira lucta de competencia para dar os pormenores mais completos ácerca dos noivos. A victoria pertenceu a um *reporter* que teve a audacia de ir ter com a propria noiva a perguntar-lhe os motivos que a levaram a casar com Curzon. Miss Leiter não hesitou em dar esta resposta algum tanto indiscreta:

— Porque tornou o seu nome célebre no Oriente e porque é um caçador eximio de féras.

E acrescentou que tencionava visitar as mesmas regiões, a fim de matar tambem um tigre. E o *reporter* enthusiasmado condimentou as palavras da noiva com esta phrase:

— As mulheres de Chicago são todas assim.

No Transvaal.—Dizem de Londres que se receia uma insurreição das tribus indigenas do Transvaal que estanceiam ao norte da cidade de Johannesberg. Aquellas tribus estão bem armadas e é crença geral que, no caso de rebentar a guerra, serão precisos mais de seis mezes ao Transvaal para submetter os insurgentes.

— Despachos de Londres dizem que sempre se rebellaram os cafres do districto de Zutpansberg contra as auctoridades do Transvaal. Um dos chefes, Magato, expulsou do seu territorio o commissario Boer, e todas as tribus dos makatese estão preparadas para o combate, achando-se reunidas em diversos postos fortificados. O general Joubert, commandante em chefe das forças do Transvaal, ordenou um recrutamento de 8:000 europeus e 12:000 indigenas para combater a insurreição dos cafres.

Uma excursão da Patti. — Como é sabido, Adelina Patti fez, não ha muito, uma excursão artistica pelos Estados-Unidos e Mexico. O emprezario da excursão, Leonel Mapleson, publicou em uma revista ingleza a historia d'aquella excursão. Sem declarar qual foi a receita geral, Mapleson diz, todavia, que em Chicago, no espaço de quatro semanas, metteu no cofre 233:000 dollar ou cerca de 210:000$000 réis. E' realmente uma receita de se lhe curvar a cabeça. Mapleson diz ainda que nos Estados-Unidos já não está em voga o offerecer ramos de flôres ás actrizes e cantoras, ao contrario do que succede no Mexico. Certo dia em que Adelina Patti prestou o seu concurso em um concerto de beneficencia, o estrado ficou litteralmente coberto de violetas. Mapleson conta a proposito a seguinte anecdota: A célebre cantora tinha um cãosinho de raça mexicana, extremamente rara, que lhe fôra offerecido pelo presidente Diaz e ao qual a Patti consagrára grande affecto. O animalzinho morreu durante a excursão, e a diva ficou inconsolavel. Uma noite em que cantou a *Lucia*, como do costume começaram a chover as flôres no palco, agradecendo a Patti o enthusiasmo do publico, quando collocaram sobre a ribalta uma cestinha coberta de rosas, da qual sahiu um cãosinho similhante ao que morrera e que deu os mais vivos signaes de contentamento. A Patti tambem ficou satisfeitissima e o publico igualmente, prorompendo em freneticos applausos.

O centenario dos Cruzados.—Em Clermont-Ferrand, trata-se de celebrar o oitavo centenario da primeira cruzada com toda a solemnidade. Para dar mais realce a esta commemoração historica, haverá um cortejo medieval, que, diz se, será o principal attractivo das festas que se estão preparando. No cortejo será representada a antiga nobreza de França por cavalleiros cruzados. Igualmente terão representação a Ordem de Malta e a de Christo.

Ladrões de tranças de cabello.—Em Pariz ha uma especie de quadrilha que nos passeios e sitios concorridos, aproveitando-se da agglomeração de gente, se dedica a cortar e a roubar as tranças de cabello. Ultimamente no *boulevard* de la Villete, onde transitava extraordinaria multidão, uma senhora e sua filha estavam alli esperando pelo omnibus, quando de repente a joven soltou um grito, levando vivamente a mão ao pescoço e retirando a manchada de sangue. Correndo algumas pessoas em seu soccorro, viram que estava por detraz d'ella um individuo, o mesmo que a ferira, ao querer contar-lhe a soberba trança que lhe cahia pelas costas abaixo. Preso e levado para a primeira esquadra de policia, encontraram-lhe uma outra trança no bolso que elle havia cortado e roubado a outra joven.

Seis justiçados.—No dia 14, pela manhã, verificou-se na Argelia a execução de um tal Areski e de cinco outros bandidos, condemnados á morte em fevereiro. Na vespera os condemnados foram tirados da prisão central de Argel e transportados para Azazga, effectuando-se o trajecto sem incidente. Pelas 4 horas da madrugada os magistrados de Tizi-Uzu entraram nas cellulas dos condemnados e annunciaram-lhes que estava chegado para elles o ultimo momento. Todos ouviram a lugubre nova sem pestanejar, queixando-se apenas de que não tivessem sido as familias authorisadas para se despedirem d'elles. Em seguida o carrasco tomou conta dos condemnados, procedendo á chamada *toilette* da guilhotina. Da prisão para o patibulo todos psalmodiaram versiculos do Alkorão. Um d'elles cantava: «Todos somos mortaes». Todos morreram corajosamente e só Areski, o chefe do bando, oppoz viva resistencia. Foi grande a multidão que assistiu á execução dos seis condemnados, execução que durou um quarto de hora.

Alimentação vegetal. — Ultimamente reuniu-se em Londres a assembleia geral da Associação vegetariana d'aquella cidade, sendo lido o relatorio, de que os jornaes fazem alguns extractos interessantes. Depois de elogiar o regimen da alimentação unicamente vegetal, o relatorio affirma que a Associação conta no numero dos seus membros seis socios com 100 annos, vinte com mais de 90 annos e cerca de cem octogenarios. Diante de taes algarismos o relatorio, como é natural, encarece o regimen seguido por todos os membros da Associação, lamentando comtudo que, para dar o exemplo, a familia real ingleza não faça parte da Associação, praticando a doutrina vegetariana.

Os gêles polares.—Um despacho de Copenhague annuncia que appareceram grandes e extensos bancos de gêlo a nordéste da Islandia, provenientes das regiões polares. Muitos barcos de pesca acham-se bloqueados por aquelles bancos de gêlo e alguns haviam sossobrado.

A profissão de actores na Inglaterra. — Um jornalista inglez lembrou-se de interrogar os principaes actores e actrizes do Reino Unido, para saber se a carreira do theatro era lucrativa e poderia compensar o sacrificio feito por aquelles que a seguiam. Um dos consultados foi o célebre actor Irving que se contentou em declarar que os ambiciosos das glorias dramaticas devem contar com muitas desillusões. Outro actor, Henry Jones, disse que a carreira do theatro tem mais espinhos de que rosas; que ha mais actores sem talento de que com elle, e que ninguem deve seguir a carreira scenica, salvo se se sente com verdadeira vocação para ella. Uma actriz, Genoveva Ward, declarou melancolicamente que o que torna a carreira do theatro difficil é o numero excessivo dos que a seguem.

Segundo os dados colhidos pelo mesmo jornalista eis os honorarios dos actores inglezes. Os principiantes ganham 4$500 por semana. A maior parte dos artistas cochecidos de 90$000 a 270$000 por semana, e as summidades da arte de 300$000 a 500$000 por noite. Por conseguinte a profissão de actor na Inglaterra é pouco mais ou menos a dos outros paizes: ou se póde fazer fortuna por ella ou se pode morrer de fome.

A producção de ouro. — Recentes estatisticas mostram que a Russia é o terceiro paiz do mundo com relação á producção de ouro. As tres regiões do imperio em que se explora o precioso metal são o Ural, a Siberia oriental e a Siberia occidental. Em 1890 a producção total do ouro n'estas tres regiões foi de 39:405 kilg.; mas desde então a producção tem augmentado constantemente, havendo ainda jazigos riquissimos por explorar por falta de communicações.

CARTA DE CEIA

16 DE MAIO DE 1895.

Está dissolvida a *troupe* Boa-União! Não mais tornaremos a ouvir n'estas poeticas noites de primavera os doces gemidos d'um *choradinho* artisticamente tocado pelo director da *troupe* e maviosamente cantado e acompanhado pelos seus discipulos Joaquim Fernandes e Adriano Mello! Não mais tornaremos a applaudir, como sempre applaudimos frenetica e enthusiasticamente, aquelle celebre *pot-pourri* tão habilmente composto pelo sr. A. Cabral! Quem seria o culpado de tal dissolução? Quem seria o *tocão* tão falto de gosto que assim quiz acabar com uma *tuna* tão bem organisada, privando-nos de apreciar as suas ternas melodias e o seu continuo *Moranito* acompanhado com tanto mimo pelo sr. Adriano? Pobre Arthur Cabral! Depois de tantos e tão aturados trabalhos; depois de esgotada por completo a sua paciencia em lições continuadas aos seus discipulos; depois de tantas noites de vigilia em exercicios na sua inseparavel banza, eil-o reduzido a tres amigos dedicados: irmãos Neves e Augusto Corrêa. Como deve ser pesaroso para um homem ver baldados todos os esforços que fez para a organisação de uma *troupe* que julgava solida e com bons alicerces! Ingratos d'uma figa que assim abandonasteis uma vida alegre, cheia de esperanças e de prazeres, para vos entregardes a uma vida insipida e fastidiosa, lendo romances pelos bosques e fazendo versos á lua! Ingratatões! Morreu a *troupe! Requisscat in pace*........

Segundo se diz por ahi o sr. Joaquimzinho é que foi o culpado d'estas divergencias. Custa-nos a crer semelhante blasphemia; mas se effectivamente isto for verdade, não nos podemos conter que não exclamemos com toda a força dos nossos pulmões: Não te morde a consciencia, litterato? Não terás remorsos do que acabaste de fazer, nephelibata? Tu que és o cavalheiro do mais fino tracto que tem apparecido no seculo XIX! Tu que és a intelligencia mais lucida que se tem creado n'este jardim á beira-mar plantado! Tu, emfim, que tiveste as honras de ser o frequentador constante do hotel *Churro*, de Gouvêa, não quererás agora que uma sociedade... distincta e composta de rapazes de bom gosto, deixe de existir por tua causa! Não queiras tal! Não queiras que esta gente, que está sempre prompta para escarnecer de tudo e de todos, censure o teu procedimento! Não queiras expôr-te ao gaudio d'um povo despeitado pela tua resolução! Olvida, portanto, esses protestos que fizeste; esquece por um momento essa vaidade de que te assenhoreaste, e humilde, submisso e cheio de vergonha chega junto do teu *chefe* e diz:—Querido mestre! A minha leviandade e a pouca pratica que tenho do mundo me obrigaram a dar um passo e a tomar uma resolução que vos desgostou bastante. Sei que esta *troupe* foi ou vae ser dissolvida por minha causa; e como ella não poderá sustentar-se sem mim e o meu companheiro, aqui me tendes novamente, triste e arrependido das scenas vergonhosas que representei, protestando emendar-me e nunca mais vos tornar a offender!

Elle então enternecido devéras pelas tuas palavras de sincero arrependimento, deslisando-lhe pela face direita uma lagrima grossa como um punho (visto chorar só d'um olho), te abrirá os braços e te estreitará junto do coração, acariciando-te qual mãe carinhosa affagando seu filho!

A.

COMMUNICADOS

O SR. DIRECTOR DAS OBRAS PUBLICAS E O SR. VICTOR DOS SANTOS

Para que mais facilmente os leitores possam analisar os factos que se tem dado n'esta terra, relativamente a estas duas entidades, vamos pôr em confronto os casos occorridos entre um e outro, que podemos classificar de victima e algôz.

Era no fim do anno de 1890 que se procedia a eleições geraes, e como se contasse certa a victoria ao partido progressista, a qual tanto incommodava o sr. director das obras publicas, protestou dar largas ao seu treslouсado bestunto, flagellando todos aquelles que estivessem debaixo do seu nunca olvidado mandato. Escusado seria dizer, que sua ex.ª é um façanhudo regenerador, e que todos aquelles que teem experimentado n'esta terra os seus rigores, são progressistas. Por esta occasião presidia aos destinos publicos d'este districto o nunca esquecido e muito nobre Barão de Viamonte. O vulto extincto recebera um telegramma, em que se relatava o mau effeito que estava produzindo á sua politica o tal mandão regenerador. O nobre Barão dirigiu-se a elle e preveniu-o de que não podia consentir dentro do seu districto qualquer empregado, fosse qual fosse a sua gerarchia, que politicamente o guerreasse, chegando mesmo a dizer-lhe que a continuar assim se tornaria incompativel com elle. Tal declaração do vulto illustre, doeu muito ao sr. director; e como só dos seus subordinados se podia vingar, a tiro... com o pensamento no effeito, não tardou que o sr. Victor dos Santos fosse o alvo, onde infalliveis haviam de bater as suspeitas d'aquella cachola.

Para isso toca a unir!... e postado á frente de todos aquelles que poderam ouvir o som produzido pelo seu instrumento predilecto, procede á devassa. Como d'ella nada apurasse, e porque todos os seus intentos eram comprometter o sr. Victor, dirige-se pressurroso a casa do cidadão José Carlos de Sousa e Silva, o qual não tinha ouvido o som da corneta, ahi insta com elle para que lhe dissesse quem tinha enviado o infeliz telegramma. D'esta vez não foi mais feliz do que da primeira, porque o sr. Sousa e Silva não era seu subordinado e não esteve para dar pa... lavras de conforto ao treslouсado aventureiro.

Volta espavorido, chega a casa, desata uma descompostura na corneta como se ella fosse a culpada de se não ter feito ouvir por aquelles que deviam satisfazer os seus desejos. Tudo isto lhe havia feito crescer o rancôr, e não tardou que o sr. Victor recebesse a primeira affronta!... Ainda com isto a fera não fica satisfeita; o sangue só d'uma victima não era o bastante para sacciar o seu brutal apetite!... e como tivesse ao seu dispôr a arma tremenda da vingança, pratica outra violencia, expulsando de mestre das obras do Monumento um artista eximio o sr. João dos Ramos.

Assim decorre um anno; e como qualquer cousa fizesse mover e capacitar sua ex.ª de que estas violencias não eram proprias de pessoas de bem (com o que pouco se importa), volta a reparar a asneira praticada. Poucos mezes decorridos ha, e o sr. Victor se acha novamente envolvido em outra infamia! Começam os jornaes a publicar uma serie de escandalos praticados dentro do monumento, cujos escandalos são o esbanjamento e o aproveitamento particular do serviço dos operarios, a que sua ex.ª não é estranho. Novo som de corneta convida o pessoal a unir, para se averiguar quem era o auctor dos escriptos. Era de suppôr que, quando não fosse nenhum dos operarios que escrevesse, que sahissem d'alguns d'elles esclarecimentos accusatorios, porque existindo alli o maximo segilo, em os actos menos dignos que se praticam, só de lá por algum menos fiel ao seu patrão se poderiam colher esclarecimentos. Da nova devassa nada se apura e o seu promotor deita fóra dos *seus* e procura saber de fóra o que deseja.

E' bode espiatorio o sr. Victor dos Santos, o qual, sendo prevenido de que no animo do sr. director existia nova tentativa de victima!-), procurou meios para se desaffrontar: taes como o de levar a imprensa periodica a declarar se era ou não o auctor das correspondencias referidas. Justificado assim, porque não tardou que os jornaes declarassem terminantemente que era falsa a accusação, propoz-se então o sr. Victor a dar o devido correctivo, a quem pensa que o compromettera. Envolve-se aqui um individuo muito do sr. director, e a quem sua ex.ª deve relevantes serviços. Se a todos assiste o direito de desaffronta, temos de excluir um que é o sr. Victor!... porque pelo sr. director lhe foi tirado esse direito!... Este, ao lêr o jornal onde o sr. Victor corregia os defeitos d'um embusteiro, chamou-o ao seu gabinete e intima-o a que no mesmo jornal retirasse as palavras pouco amaveis que ao seu intrigante dirigia!... chegando mesmo a ameaçal o com um *marmeleiro* se tal não fizesse!...

Não foi com certeza o medo do marmeleiro do sr. director que levou o sr. Victor a fazer tal declaração; mesmo por que, com quanto esteja face a face, com um militar que em outro tempo era encarregado de dar varadas, essa lei já não existe e nem tão pouco o sr. Victor é militar, pois só a estes aquelles castigos eram applicados, mas foi o receio de perder o seu pão, o que com certeza lhe acontecia se não satisfizesse ás suggestões do pirronico e nojento mandão.

Uma prodigalidade. Como o sr. Victor fizesse a vontade a féra vangloriase, e julga ver no sr. Victor um instrumento acerrimo da sua habitual bisbilhotice, em paga do que lhe vae offerecer um premio de consolação, e começa por estas textuaes palavras: *Emquanto eu fôr director das obras publicas d'este districto, ainda que venham, governador civil, inclusivamente o rei pedir para que você deixe de ser empregado do monumento não o conseguirão, que eu nunca o demitto.*

Avalie-se, pois, a firmeza de caracter d'este sujeito!...

A nós não nos admira este procedimento, o que lamentamos é a desfaçatez com que, pouco tempo depois, brinda o seu premiado com a demissão. Não foi preciso intervir n'esta violencia o primeiro magistrado da nação, nem outra qualquer auctoridade, bastaram apenas as vontades de quatro devassos, um dos quaes já appellidamos de *Miguel de Vasconcellos*. Mas n'esta terra tem-se visto tantos horrores por parte do director das obras publicas e seus satelites nojentos, que não nos admira de vermos qualquer dia, inscripto nas folhas governamentaes, o annuncio por onde se mostre que o monumento da Batalha está em almoeda. Até breve.

Batalha—maio de 95. Z.

SECÇÃO HISTORICA

A IRMÃ DA CARIDADE

(TRADUCÇÃO)

Existe uma formosa cidade, esbelta sereia dos mares, que absorve incessantemente torrentes d'ouro, em troca de indispensaveis productos agricolas, creados com prodigiosa fertilidade no seu solo; que attrahe ao seu seio individuos de todas as nações do universo, cubiçosos de partilhar das suas riquezas. E' a patria de Tibulo e Homero, a mais bella joia da Turquia, a rica e commercial Smyrna. Dispõe d'um porto, cuja formidavel bacia se entranha pela povoação, a qual está edificada, parte em amphitheatro na falda d'uma montanha, e parte sobre uma planura ao largo do Golpho, offerecendo um magnifico panorama pelos seus zimborios e meias laranjas, pelos seus elevados minaretes, torres e pyramides, que se ostentam sobre os edificios. Tolda-a o poetico céu da Jonia; envolve-se n'um longo manto matisado de fructos e flôres e espelha-se nas murmurantes aguas do seu golpho, que dá abrigo a centenas de navios mercantes.

Sobra-lhe formosura, riqueza e poderio; todavia tambem alli tem chegado dias de luto, amarguras e sacrificios, porque nem as melhores e mais poderosas terras deixam de ser causticadas pela adversidade. O raio ataca mais depressa a alentada e annosa palmeira que as modestas florinhas do campo. E' a lei das compensações, estabelecendo o equilibrio que rege o universo, contrapondo o esplendor ao infortunio, o riso alegre ao pranto angustioso. Smyrna foi por vezes victima, pela sua formosura, da insaciavel ambição dos homens; porém em 1778, attingindo maior grau de desmoralisação, proporcionada á grande riqueza que disfructava, soffreu um golpe tremendo, como tem succedido ás povoações onde campeia desenfreado o vicio, provocando a justa cholera de Deus.

Havia tempo que se ouviam e notavam ruidos subterreos e ligeiras oscillações no solo, mas a numerosa população, embebida nos seus folgares, e presa constante do vicio, não deu pelo caso, despertando no dia 3 de julho ás duas horas da manhã, surprehendida por um violento terremoto, que, como de improviso, desmoronou palacios magestaticos, humildes habitações, fendeu mesquitas, abalou as montanhas, rasgou um precipicio entre a cidade e o possante dique a que estivera ligada, semelhando este uma barcaça sossobrante cercada pelas ondas irritadas.

Em vão os infelizes habitantes de Smyrna, tão bruscamente accordados do seu confortavel somno, tentavam alcançar o campo: uns ficavam sepultados nas fendas enormes das ruas, outros esmagados pelos pedregulhos que se desprendiam dos edificios. Os abalos terrestres eram acompanhados de detonações que pareciam tiros de canhão, e com tanta frequencia se succediam, que ainda não tinham cessado os desmoronamentos causados por um, logo outro se offerecia mais violento e destruidor. N'um instante abateram grossas muralhas, que pareciam eternas pela sua esmerada solidez, quatro mesquitas, tres banhos publicos e innumeras casas particulares; e, como se tão grandes estragos não bastassem para completar o infortunio, irromperam furiosas as chammas no edificio immediato áquelle em que residia o consul de França. Como instrumento da cholera divina, sobreveio, opós, um impetuoso furacão, ateando medonhamente o incendio. A cidade era uma chamma colossal, sobresahindo atravez d'ella os desabamentos. Um quadro pavoroso, semelhando uma legião de espiritos maleficos, dançando doidamente sobre os despojos da morte.

As ruas estavam barricadas pelos destroços dos predios, moveis despedaçados, mercadorias e objectos valiosos, destacando se n'aquelle sinistro conjuncto os membros mutilados e charcos de sangue ainda fumegante de innumeras victimas. Os lamentos dos infelizes entaipados nas ruinas, o pranto inconsolavel dos que viam despedaçar-se e contorcer-se os entes que mais adoravam, os roncos ameaçadores do mar e o sibilar enfurecido do vento, formavam um concerto horripilante.

A noite enrolou o seu veu espesso e o sol assomou-se no Oriente; porém, como que horrorisado, divisando o quadro lugubre, envolveu-se em densas nuvens, não faltando ainda assim resplandecencia ao sangrento festim da morte, porque no Céo e no mar refulgiam as chammas da enorme fogueira que devorava, impaciente, Smyrna.

Gelados pelo terror, sem forças para arcar com tanta desdita, os poucos sobrevivente á catastrophe encontravam-se reunidos n'um arrabalde. Era um espectaculo dilacerante e sublime ao mesmo tempo o que se offerecia á vista. Todos aquelles homens, de differentes raças e nações, desde o que havia nascido entre as gelidas abas do Polo até áquelle que tinha saudado o sol entre os floridos campos da America, desde o completamente civilisado até ao mais selvagem filho do deserto, todos estavam egualmente ajoelhados e erguiam as mãos ao Céo, implorando misericordia e compaixão de Deus.

N'essa memoravel noite praticaram-se acções degradantes e baixas, reveladores do instintivo egoismo dos homens; todavia foram compensadas por diversos rasgos de sublime desprendimento, mostrando a elevação a que póde remontar-se a sua alma, ennobrecida pela virtude e pelo enthusiasmo. Observou-se, é certo, que alguns filhos precipitaram seus paes nas ruinas, para facilitar a salvação propria, mães que deixaram os filhos expostos á cubiça das chammas, mas tambem filhos e mães que pereceram horoicamente para salvar os dilectos de suas almas.

Era, como dissemos, ao raiar do sol: as lavas iam avançando sempre, precedidas por um denso torvelinho de fumo, alcançando já a primeira casa do arrabalde. De repente appareceu, n'uma agua furtada, uma mulher pallida, desgrenhada e espavorida. Trazia um filhinho nos braços, que offereceu desesperadamente aos sobreviventes, supplicando-lhe em phrases commoventes, só proprios do amor maternal, que lhe salvassem o ente que era todo o seu coração.

Aquelles desventurados haviam presenciado, durante toda a noite, cem scenas semelhantes, e a sensibilidade havia-se-lhes embotado. Miraram-se uns aos outros, mas nenhum se animou a sacrificar a vida, correndo a soccorrer a afflictissima mãe que procurava libertar o filho estremecido das chammas que o ameaçavam já perto.

N'essa occasião apresentou-se uma mulher, muito nova ainda.

Era irmã da caridade, que habitava no hospital dirigido por ella e outras desveladas no quartel dos Francos, procurado, pela sua justa fama, por todos os estrangeiros, e que com o heroismo que incute a fé de Deus, que morreu para remir-nos, tinha praticado durante a catastrophe actos meritorios e d'uma intrepidez inaudita.

Aonde o perigo era mais imminente lá accudiu ella, veloz, para soccorrer os afflictos. O fogo do enthusiasmo refulgia em seus olhos, e a divida aureola da caridade christã parecia coroar-lhe a fronte. Diziam que as chammas retrocediam ante ella, e que os oscillantes edificios, já desligados e proximos a desabar, se detinham até que a virtuosa passasse. Arrancára centenares de victimas á morte: orphamsinhos que tinham visto fenecer os auctores de seus dias, ficando sem amparo; decrepitos anciães; miseros enfermos que se arrastavam pelo solo, tentando debalde sahir dos precipicios, proximos a devoral-os, foram salvos pelo seu heroismo. Encontrava-se alli refazendo-se de tantas fadigas, bafejada pelos louvores de todos, quando aquelle grito afflictivo foi recordar-lhe que a milicia do Redemptor não descança em quanto haja prantos a enxugar, dores a dirimir, e palmas gloriosas a conquistar.

A joven caridosa correu repleta de coragem em demanda do ponto aonde a chamava o infortunio. A multidão desprendeu um grito de espanto e procurou detel-a. No mesmo momento ouviu-se novo ruido subterreo, e o vento, soprando violento, impelliu, devoradoras, as chammas sobre a agua furtada. A desgraçada mãe fugiu para a balaustrada, soltando maiores gemidos e reforçando os seus rogos para que lhe salvassem o filho.

— Uma escada sem demora, uma escada!—gritou a heroica joven n'esse tom imperativo que sabe subjugar as almas.

O povo obedeceu lesto, ppoiando a escada salvadora na parede. Mas era já tarde: a desventurada mãe, suffocada pelo fumo, cahiu moribunda, e, embora já sem vida, enlaçava ainda o adorado filhinho n'um eterno amplexo. Não havia um instante a perder: inflammavam-se as chammas e o vento soprava mais aspero.

A joven elevou os seus olhos ao Céo e, murmurando uma prece, subiu pressurosa a escada. O coração de todos os espectadores deixou de pulsar, tomado pelo terror panico, parecendo elles estatuas immoveis. A joven alcançou a agua furtada com a velocidade do pensamento: e, tomando o innocente orphão dos braços da mãe já inerte, poude lançal-o cautelosamente sobre o monte que o povo havia formado com as vestes que envergava, ficando quasi nu, para amparar alli sem risco a creança. Quando a arrojada irmã da caridade começava a descensão tendo já vencido alguns degraus, fez-se outro abalo de terra que a arremessou, desfacelada, sobre as ruinas. Affirma a tradição que n'aquelle momento supremo, os habitantes de Smyrna viram brilhar entre o fumo do incendio uma luminosa estrella que subia velozmente ao Céo... E' que Deus a chamára a si para cingir-lhe a corôa do martyrio. Os abalos subterraneos prolongaram-se até ao mez de setembro; porém, apesar do desalento geral e da escassez de alimentos, foi sempre acarinhado o orphamsito; e, como nunca é improductivo o beneficio, ás grandes riquezas, que elle adquiriu mais tarde pelo seu talento e applicação, se deve em grande parte o restabelecimento de Smyrna. Sobre as ruinas onde expirou a martyr da caridade erigiram um magnifico mausoleu, onde vão as virgens render-lhe as suas orações e offertar-lhe flôres.

Vão alli tambem os estrangeiros de toda a parte do mundo, não deixando de averiguar, de perto, do seu heroismo e bemdizer o seu nome, porque a virtude é como o sol, que resplandece em toda a amplidão da terra.

Faro, março de 1895. — *Esmalia.*

SECÇÃO AGRICOLA

O AZEITE PORTUGUEZ

Dizia ha poucos dias um nosso collega que é da maior necessidade aperfeiçoar os processos do fabrico do azeite, sahindo da rotina em que se manteem os olivicultores naciones pelo emprego de processos usados nos tempos dos romanos, porquanto é vergonhoso que um paiz olivicola como é o nosso, importe avultadissimas quantidades de azeite estrangeiro. Considera, pois, o illustre collega, como indispensavel, que os agricultores se compenetrem das vantagens economicas que lhes adviriam de produzir azeite fino, bem preparado, agradavelmente comestivel, em vez de oleos ordinarios, só proprios para a illuminação e para as saboarias menos remuneradas e cujo consumo vae diminuindo. Tudo isto se fundamenta nas ponderações feitas n'um periodico agricola, por um agronomo, já ao serviço do estado e membro da direcção da real e central associação de agricultura. Se os agricultores portuguezes usam os processos dos ramos, no fabrico do azeite, o seu producto disputa primazias com o melhor azeite italiano, sahindo com mais gloria e honrarias do ultimo certamen internacional que em 1889 se effectuou em Pariz. Alli, Portugal alcançou pelos azeites que expôz: 1 premio de honra, 23 medalhas de ouro, 53 medalhas de prata, 105 medalhas de bronze e 121 menções honrosas, ao todo 303 distincções. A Italia, celebrada por seus azeites, pelos seus processos aperfeiçoados de fabrico, não obteve no mesmo certamen, nenhum premio de honra, e não alcançou mais de 6 medalhas de ouro, 5 de prata, 2 de bronze,—um total de 13 recompensas ou distincções. A Hespanha, grande productora de azeite, teve 1 premio de honra, 10 medalhas de ouro, 11 de prata, 8 de cobre e 4 menções honrosas, ao todo 34 distincções. O grande jury da exposição internacional não conferia tantas e tão ellevadas distincções a Portugal, por seus azeites, se estes fossem *oleos ordinarios só proprios para illuminação e saboarias*. Claro é, pois, que elles tinham qualidades superlativas e eram de um esmerado fabrico, tanto que poderam sobrepôr-se, no entendimento e apreciação dos jurados, aos azeites de Italia e de Hespanha.

Portugal, só á sua parte, alcançou mais distincções, quasi sete vezes mais que os dois paizes olivicolas juntos, Italia e Hespanha, cujas distincções reunidas são apenas 47. E quando tão brilhante e glorioso triumpho não estivesse ahi a attestar a excellencia de nossos azeites, como a perfeição de seu fabrico, o empenho que tem os hespanhoes em fazer exportar os seus azeites, pelos nossos portos, tendo elles numerosos portos, levarem a procedencia Portugal, estavam revelando já a excellencia do azeite portuguez. Sejam ou não romanos os processos que usam os nossos agricultores no fabrico do azeite,—certo é que elles são optimos productos, e não ha que aconselhar a sua substituição. Nos processos de administração publica é que não faltam motivos para aconselhar modificações profundas, ou antes substituições completas, para que o nosso azeite não vá ser desacreditado no estrangeiro pelo que vem buscar os nossos portos, para lrvar a procedencia de Portugal, e difficultar a entrada do que *se destina* ás conseroas de peixe.

Exportamos agora muito menos azeite do que exportavamos antigamente, e importamos quantidades avultadas do produzido em outros paizes. O duplo mal provem dos abuzos que se commettem no transito e expedição do azeite que vem ao nosso paiz, e das facilidades da restituição dos direitos no azeite que entrou a pretexto de ser empregado nas conservas de peixe, e que se dá por sahido nas latas das mesmas conservas. E' preciso que as fabricas se deixem de importar azeite italiano, e se governem com o nacional, no interesse do paiz. As fabricas de conservas importam azeite estrangeiro no valor de proximamente 400 contos. Compram ao estrangeiro o azeite, as latas, e pagam-lhe os fretes. E'este modo, o estrangeiro vem a pagar sómente o peixe, e de certo por preço muito inferior ao que paga o consumidor portuguez. A sardinha, que ha vinte annos, era abundante no nosso mercado, barata e constituia um excellente recurso alimentar para as classes laboriosas e pobres, hoje é rara e cara. Ora, favorecer uma industria, para beneficio de poucos e prejuizo de muitos,—coisa é que não podemos applaudir. Se é possivel conciliar os interesses dos poucos e dos muitos, isto é, de todos,—trate-se quanto antes de segurar e regular esses interesses. A conciliação deve começar por se não comprar azeite estrangeiro, preparando as conservas com o azeite nacional, que as tornará mais saborosas e mais substanciaes. Ficam desde logo 400 contos no paiz,—e proximamente egual valor entrará no reino pelo azeite que se exporta nas latas de conserva.

Dizem os interessados que o azeite portuguez gela nas regiões frias do norte da Europa, e não gela o azeite italiano. Seja assim. Mas, n'este caso, que se contentem as fabricas com a exportação de conservas para o centro e sul da Europa. O que teria de ir para o norte e *não vae*, entrará no consumo do paiz que terá muito a ganhar com a quantidade a maior que n'elle fica para consumo de seus habitantes. Para estes pontos é que a imprensa deve chamar a attenção dos governos; e não para a *imperfeição* dos processos de fabrico de azeite e *má qualidade* d'este producto, coisas em que estes não devem acreditar, apesar de tudo, para criar mais nichos, mais empregos, mais commissões, que levam muito dinheiro ao thesouro, e não trazem beneficio algum ao paiz. E se alguma coisa podessem dar os ensinos officiaes no artigo azeite, seria reduzil-o a um oleo ordinario, insipido e esterelisado.

SECÇÃO LITTERARIA

HYMNO Á VIRGEM

(PARA SER CANTADO NO MEZ DE MAIO, DEDICADO A' MESMA SENHORA)

(*REPRODUCÇÃO*)

Voz

Por ti soltem harpas, ó Virgem Maria,
os mais ternos cantos do som festival!
E as vozes dos anjos, com santa alegria,
exaltem teu nome, formoso, immortal.

Côro

Se nunca teus filhos tu deixas afflictos
o teu desamparo na terra soffrer,
alcança-nos, Virgem, perdão dos delictos
e o teu patrocinio nos possa valer.

Voz

Mais bella, que a aurora; que estrella formosa;
mais bella, que a lua, sem nuvens, sem véu;
rainha da terra, mais pura, que a rosa,
esposa és do Eterno, rainha és do ceu.

Côro

Se nunca teus filhos, etc.

Voz

Invocam-te os nautas, se o mar se encapella
E chamam-te, humildes, estrella do mar.
—Tu és protectora da casta donzella.
O vate de crenças te sabe cantar!—

Côro

Se nunca teus filhos, etc.

Voz

Que importa, que os impios te neguem, Senhora,
de Mãe e de Virgem sublime brazão?
—Tu sempre recebes, ó mãe protectora,
as preces sinceras em teu coração!—

Côro

Se nunca teus filhos, etc.

Voz

Ainda tens crentes fieis, Virgem pura,
de quem és amparo, de quem tu és mãe;
descrentes do mundo, que, em triste amargura,
ao teu patrocinio recorrem tambem.

Côro

Se nunca teus filhos, etc.

Voz

Se o eden da terra, por Eva, perdemos,
por ti conquistamos, ó Virgem, o Céu.
—Sem ter teu amparo, Senhora, soffremos
da vida nos mares horrendo escarceu.—

Côro

Se nunca teus filhos, etc.

Voz

Teu nome, Senhora, será invocado
com intimo affecto, com puro fervor.
Dos crentes sinceros, será sempre amado.
Será de teus filhos alivio na dôr.

Côro

Se nunca teus filhos tu deixas afflictos
o teu desamparo na terra soffrer,
alcança-nos, Virgem, perdão dos delictos
e o teu patrocinio nos possa valer.

RANGEL DE QUADROS.

NOTICIARIO

A Rainha em S. Pedro do Sul.—A augusta esposa do monarcha tem recebido de todas as povoações da Beira, por onde tem passado, o tratamento a que as suas virtudes dão direito. No dia 20 iniciou a Senhora D. Amelia o tratamento hydrotherapeutico, sendo recebida nas thermas festivamente pelas municipalidades, auctoridades, damas e cavalheiros que, com uma enorme multidão a saudaram phreneticamente. De tarde realisou uma excursão artistica com Cazanova, indo além de Vouzella. O máu tempo impediu que tirassem *croquis* das paisagens que d'alli se disfructam. Acompanharam-a no passeio, á tarde, os principes, tendo Sua Magestade e altezas uma recepção esplendida em Vouzella, que se achava festivamente ornamentada. São esperadas na recepção de gala, hoje, á 1 hora da tarde as municipalidades de Vizeu, Lamego, Castro Daire, Vouzella, Santa Comba, Carregal e outras. Irão tambem os generaes de divisão e brigada respectivos, estado-maior, auctoridades districtaes, banda de infanteria 14, bombeiros voluntarios de Vizeu, etc. A Rainha tenciona ir a Vizeu no proximo domingo. No dia 20, no jantar do paço, além da familia Reriz, estiveram o sr. José Vaz, presidente da camara e o sr. Fernando de Serpa, que está com sua esposa nas thermas. O governador civil, que alli estava, apresentou á rainha o sr. dr. José Pereira, professor de desenho do lyceu de Vizeu, o qual offereceu a Sua Magestade dois apreciaveis quadros originaes seus. Apezar do tempo chuvoso que tem estado conservam-se brilhantemente illuminadas muitas casas.

A Rainha é geralmente querida em toda a parte, e para sentir é que ao Rei não chegue o sentimento de amor e de respeito que ella a todos inspira.

Notas da carteira.—Regressou á casa paterna o sr. Antonio Nunes da Silva, filho do nosso muito presado amigo sr. Agostinho Nunes da Silva, muito digno secretario da camara d'Oliveira d'Azemeis. O recem-chegado esteve alguns annos no Brazil, para onde volta breve, porque os seus negocios o chamam alli. Bom filho e bom irmão o sr. Antonio Nunes veio ver seus honrados paes que ha muito não via, mas volta, como dizemos, e n'um praso curto á sua casa do Brazil. Em Oliveira d'Azemeis tem sido muito cumprimentado pelos seus amigos e de seu pae, pois que é digno de todas as considerações quem tão boas qualidades possue.

— Já se acha quasi completamente restabelecido o sr. Miguel Augusto Pereira d'Araujo, digno delegado do thesouro do districto, com o que muito folgâmos.

Juiz de direito.—Tomou posse na segunda-feira ultima, pelas 10 horas da manhã, do juizo de direito d'esta comarca, o sr. dr. Alexandre de Souza e Mello, ultimamente transferido, a seu pedido, da comarca de Famalicão para esta. Ao acto, a que concorreu muitissima gente, pela curiosidade que sempre despertam estas cerimonias, e sobretudo pela vontade de conhecer o magistrado integro e digno que, sendo filho d'este districto, o tem honrado lá fóra pela nobreza do seu caracter, pelos principios de rectidão que são a norma do seu proceder, e pelas primorosas qualidades do seu espirito, assistiram tambem, além d'outros, assignando o auto da posse, os srs. conselheiro José Ferreira da Cunha e Souza, dr. José de Souza Mendes, dr. Joaquim de Mello Freitas, dr. Alvaro de Moura, dr. Duarte Rocha, dr. Joaquim Ruella, visconde da Silva Mello, barão do Cruzeiro, dr. Francisco Couceiro, dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães, dr. Marques Mano, dr. Luiz Mesquita, Carlos da Silva Mello Guimarães, Manuel Maria Amador, Marques Gomes, Manuel Vieira, Firmino de Vilhena, etc

O sr. dr. Souza e Mello fez em singellas e eloquentes palavras a sua apresentação na comarca, que ha de saber corresponder aos nobilissimos intuitos com que s. ex.ª vem de administrar aqui a justiça que tem sabido manter, a toda a sua verdadeira altura, nos tribunaes por onde tem deixado o rasto brilhante da sua passagem, fazendo o elogio do meritissimo delegado do procurador regio e dos escrivães do juizo, que são na verdade zelosos funccionarios, passando em seguida aos trabalhos da audiencia ordinaria marcada para esse dia, e que ficaram findos dentro de pouco tempo.

Conhecedores dos preciosos dotes de intelligencia e de caracter do novo presidente do tribunal judicial d'Aveiro, folgamos e felicitamo-nos com a vinda de s. ex.ª para aqui.

Consorcio.—Consorciaram-se aqui, na madrugada de domingo ultimo e na parochial egreja de Nossa Senhora da Gloria, o nosso sympathico amigo, sr. Jeremias Lebre, filho do fallecido escrivão e tabellião d'Alemquer, sr. João Maximiliano Lebre, com a sr.ª D. Anna Augusta Regalla, presada e galante filha do sr. dr. Luiz Regalla, abalisado facultativo d'esta cidade e medico da real camara.

Pelas brilhantes qualidades que enaltecem os nubentes, auguramos-lhes uma existencia inteira de felicidades.

O noivo, que é no grupo dos bons rapazes d'esta terra um dos mais sympathicos e bemquistos, allia a um comportamento exemplar os melhores dotes de caracter e de coração. A noiva, que foi educada na verdadeira escola do trabalho e do dever, junta á gentileza de que é dotada a formosura da alma e os nobilissimos sentimentos que são predicados de familia.

Foram padrinhos: da noiva, seu extremoso pae, e irmã a sr.ª D. Crisanta Regalla, e do noivo, o nosso presado amigo e esclarecido escrivão e tabellião d'esta comarca, sr. Silverio de Magalhães e sua ex.ma esposa, que offereceram aos nubentes um excellente almoço e um magnifico jantar, a que assistiram tambem as familias de suas ex.as e dos noivos.

Felicitamol-os e apetecemos-lhes as venturas de que são dignos.

Collegio de Nossa Senhora da Conceição.—Habil e intelligentemente dirigido por uma senhora que consagrou á educação e ao ensino das creanças todo o affecto da sua alma e toda a dedicação da sua rasgada iniciativa, o *Collegio de Nossa Senhora da Conceição*, d'esta cidade, assignala-se já hoje na vanguarda dos bons estabelecimentos congeneres no paiz. Não ha dia em que se não introduza alli uma modificação, um melhoramento relativamente importante para o desenvolvimento material ou intellectual das alumnas, benefico sobre todos os pontos de vista á instrucção e educação das creanças que alli vão beber a luz que ha de guial-as atravez da vida, que é quasi sempre cheia de trevas e emaranhada de espinhos para a mulher.

E' assim que em todas as epocas este conceituado estabelecimento habilita para exame crescido numero de meninas, todas as quaes alcançam sempre a mais plena approvação. Aos exames de instrucção primaria complementar, ha poucos dias findos, concorreram este anno, ficando todas bem, as seguintes alumnas: Maria del Carmen Barbosa Pitta y Sanchez, Alice da Cunha Machado, Maria d'Arrabida Vilhena Ferreira, Cezarina Izaura Ferreira, Arminda Rodrigues de Souza Mendonça e Pinho, Carolina Rodrigues Lima e Maria Rodrigues da Rocha.

Faz gosto ver assim coroados do melhor exito os salutares esforços dos que teem o mister de ensinar.

Banquete.—Sob esta epigraphe a *Vida Nova* escreve no seu ultimo n.º o seguinte:

> «Um grupo de amigos e admiradores das nobilissimas qualidades do nosso querido e philantropico conterraneo, sr. Joaquim José Cerqueira, resolveu offerecer a este cavalheiro um lauto banquete, que seja uma manifestação de apreço dos seus conterraneos e gratidão de Vianna a um dos seus filhos mais estremecidos. Associamos-nos a esta festa, porque ella é justamente merecida.»

Tambem nós d'aqui nos associamos á manifestação, que tão justa e tão merecida é.

O cavalheiro de que se trata é, effectivamente uma das personalidades mais distinctas não só de Vianna, mas de toda a provincia do Minho. Caracter nobilissimo, alma generosa, coração d'ouro, espirito elevado, se foi nas terras de Santa Cruz um protector valioso dos seus compatriotas menos favorecidos da fortuna; na terra que o viu nascer e no paiz que é seu berço, a sua philantropia e a sua isempção são um exemplo que muitos deviam seguir. Bem cabidas são por conseguinte todas as homenagens que á sua personalidade os seus conterraneos prestam.

Demonstração de sentimento.—Foi muito sentida no concelho d'Agueda a morte do sr. visconde d'Aguieira e foi-o por amigos e por adversarios. São prova d'isso as linhas que seguem escriptas pela *Soberania do Povo*:

> VISCONDE D'AGUIEIRA
>
> Falleceu na tarde do dia 16, de uma apoplexia, o sr. visconde de Aguieira, Joaquim Alvaro Telles de Figueiredo Pacheco, bacharel formado em direito, fidalgo cavalleiro da caza real, antigo administrador do concelho, presidente da camara municipal de Agueda e deputado da nação. Tinha 79 annos.
>
> Foi o sr. visconde de Aguieira nosso adversario constante e declarado, mas nem por isso deixamos de prestar á sua memoria as nossas homenagens, porque as merece o homem que luctou sempre e que nem um só momento esmoreceu no trabalho e na lide. Quando cahe na sepultura um homem como o visconde de Aguieira, que foi um intransigente e foi um luctador, os resentimentos, se os ha, extinguem-se em todos os corações para serem recordados apenas os serviços, o prestigio, a honestidade e a grandeza do que succumbiu, sempre forte, no fim d'uma vida tempestuosa e ardente. Ainda é cedo para se escrever a historia do visconde de Aguieira, a historia da sua mocidade accidentada e laboriosa, muito interessante, que hade servir aos romancistas, porque ha largos documentos escriptos de uma curiosidade intensa e excepcional.
>
> Os funeraes do sr. visconde de Aguieira foram hontem, de manhã, na freguezia de Vallongo. Numerosa concorrencia de clerigos e de amigos e adversarios do illustre fallecido acompanhou o cadaver, a pé e de carruagem, desde a casa de Aguieira até a egreja de Vallongo, onde se celebraram officios de corpo presente. Dirigiu os funeraes o sr. Antonio Calheiros, sobrinho do finado. Na povoação de Aguieira muitas pessoas choravam em sentidas lagrimas a morte do seu visinho e amigo. Foi um incidente commovedor que se misturou na scena tristissima do funeral. O sr. visconde de Aguieira foi casado duas vezes a primeira com a sr.ª D. Maria Mascarenhas Bandeira, da casa de Villar e Torre-Deixa; e a segunda vez com a actual senhora viscondessa de Aguieira, da casa da Borralha. Não deixou filhos nem testamento. O herdeiro da grande casa de Aguieira é o sr. dr. Guilherme Telles de Figueiredo Pacheco.

Ineditos e reproducções.—Do nosso amigo e bem conhecido poeta, sr. Rangel de Quadros, recebemos ha dias a carta que em seguida gostosamente publicamos:

> *Srs. redactores.*—Como sabeis, tenho escripto um grande numero de composições metricas, bem mal sonoras e bem mal rimadas. Composições poeticas não lhes chamarei, por que os pensamentos alli expostos e desenvolvidos, nada teem de *poesia*, que deve ser sempre mais ou menos imaginativa e creadora, como o indica o termo na sua origem. E a metrificação d'essas composições nem sempre terá sido feita com o rigor da arte. As rimas são pobres e vulgares. Eu bem o reconheço, mas cada um vae até onde póde. Muitas d'essas composições foram publicadas, quando ainda inexperiente. Arrependo-me da imprudencia. Felizmente ninguem d'ellas se lembrará nem possuirá os jornaes, em que foram publicadas. A respeito de algumas o arrependimento é total. Não tenciono reproduzil-as e tratarei de inutilisar as que possuir. Outras serão reproduzidas, mas depois de soffrerem emendas e alterações quasi totaes e, talvez, *alguma censura previa*. Ha muitas composições minhas, que nunca foram publicadas. D'estas, não poucas foram feitas na primavera da minha existencia. E faço esta declaração, para que não pareça extranho a publicação d'ellas na actualidade. Tanto das producções já publicadas, como das ineditas, não poucas se perderam. Foi me preciso um grande esforço de memoria para as restaurar. Algumas das minhas composições foram publicadas anonymas ou com pseudonimos. Outras foram publicadas com os nomes de individuos, que se utilisaram dos emprestimos de alguns manuscriptos meus e até da confiança e do pouco cuidado, com que eu deixava as minhas *cadernetas*, quando me ausentava temporariamente das casas, onde vivia.
>
> Talvez não tenha duvida em reproduzir, com o meu nome, essas composições, *por que—Res aliena, ubicumque est, sui domini est*. Ora, visto que vós me tendes tratado com uma delicadeza e amabilidade, que sempre me animam; e como me tendes offerecido as columnas do vosso jornal, vou publicar ahi uma serie de composições metricas da minha pobre lavra, pondo a cada uma d'ellas a nota competente, segundo fôr obra inedita ou reproducção. Não tencionava eu fazer taes publicações. Levaram-me a isso louvores, bem pouco merecidos, e incitamentos vossos e d'outras pessoas, que, n'uma edade em que me seria mais proprio descer á cova do esquecimento, ainda me convidam a *subir ao Parnaso*.
>
> Agradeço vos e convite e a animação, que alguem me quer dar, mas o peor é que as minhas producções vão roubar ao jornal algum espaço, que poderia ser aproveitado com assumptos de mais utilidade. De resto, os leitores, a quem taes composições desagradarem, nada perderão, por que, como estas levam o meu nome, bastará vel-o, para passarem adeante. E para não roubar muito espaço, tratarei ou de mandar pouco de cada vez, ou de enviar para outros jornaes algumas d'essas composições, para que o *prejuizo* não se torne tão grave cahindo só para uma parte, e para que o *mal* acabe mais depressa. Na publicação d'alguns dos meus versos (merecerão tal nome?) procurarei conformar-me com o tempo e com a occasião, como já faço com as producções que vos envio para os proximos numeros do vosso jornal. Desculpae-me, pois, a ousadia e a impertinencia. E os leitores que me desculpem tambem. E, se eu souber, que vós (ou alguns dos leitores) podeis ficar contrariados com as minhas publicações, porei um dique *a tal corrente*. E crede que não me desgostarei com isso. Melhor é deixar de frequentar uma casa, do que ser n'ella recebido com alguma contrariedade ou por simples condescendencia.
>
> Algumas das minhas composições não seriam publicadas nem reproduzidas, se a ellas não estivessem ligados certos factos da minha vida e recordações mais ou menos gratas, mais ou menos saudosas. E se, n'essas composições, entra um grande numero de versos amorosos, tambem não deixam de entrar alguns á morte de pessoas que me foram queridas, pelos laços do sangue, o que vale muito, ou da amizade, o que não vale pouco. Desculpae-me este longo arrasoado. Determinae o que vos aprouver e crede-me:
>
> Vosso amigo obrigado.
>
> Aveiro, 16—5—95.
>
> RANGEL DE QUADROS.

A' carta do sr. Rangel de Quadros, respondemos que as columnas do nosso jornal estão, como sempre tem estado, ao seu dispôr. E dizemos isto com a maxima franqueza, porque o esclarecido poeta não tem por costume nem por indole fazer publicações, que possam offender opiniões nem melindrar alguem. Os seus versos são sempre gostosamente publicados e teem merecido os elogios dos imparciaes e entendidos na materia. Nós tambem folgamos com que o sr. Rangel de Quadros cumpra o que promette na carta que ahi fica. Ha muito que lh'o manifestámos. Sabemos que nem todas as suas composições podem ser sublimes. Nem sempre os assumptos se prestam á sublimidade, nem sempre a inspiração é elevada e nem sempre o genio póde subir ao cume das grandes concepções. Ha occasiões e assumptos para variadas formas, e tudo tem o seu merito relativo. Nem sempre em assumptos religiosos poderia este nosso amigo fazer composições que lhe grangeassem elogios, como o *Ecce Homo*, as *Sete Palavras de Christo*, a *Soledade de Maria*, *A Semana Santa*, a *Adoração da Cruz*, o *Monge* e a *Trindade* e outras. Tambem n'outros generos, não é facil escrever muitos versos como os que tem por titulos: *Ismenia*, *Alice*, a *Primavera*, o *Outono*, os *Luziadas* e a *Morte de Camões*. Mas isso acontece a todos os poetas. Vá, pois, o sr. Rangel de Quadros mandando os seus versos, que serão sempre bem recebidos. E bom seria que o mimoso poeta os colleccionasse, n'um ou mais volumes. Elle junta ao seu bem reconhecido merito, uma tão grande modestia, que diriamos exagerada, se não soubessemos que é propria da sua indole. Torna-se, por isso, mais digno de elogios.

Corpus Christi.—Deve effectuar-se a 13 do mez proximo a festividade de *Corpus Christi*, que em Aveiro se faz sempre com pompa e luzimento, e que n'este anno promette ser extraordinariamente concorrida. A festa de egreja é feita pelos alumnos da secção *Barbosa de Magalhães do Azylo-Escola Districtal*, que á tarde se encorporarão, já fardados e armados, na procissão. Na secção *José Estevam* do mesmo azylo activa-se o mais possivel a confecção dos novos fardamentos, sob a direcção intelligente da zelosa directora. Com o methodo de serviço adoptado pelo illustrado vereador do pelouro, confeccionando nas duas secções os trabalhos de vestuario d'ambas, têm-se realisado economias importantes.

A camara assiste tambem á festividade da manhã, que se realisará na Sé.

Festa d'Ascensão.—A'manhã tem logar nas duas egrejas parochiaes esta festa, constando de missa solemne, e depois a tocante cerimonia da *Hora de Nôa*, que costuma sempre attrahir aos templos muitos fieis.

As ladainhas.—Sahiu n'estes ultimos dias de madrugada a costumada procissão das *ladainhas*, sendo da egreja da antiga Sé para os templos da Apresentação, Gloria e Jesus. Nas escolas tambem ellas foram muito festejadas.

Theatro Aveirense.—Por absoluta falta de espaço, não podemos dar hoje a descripção já feita do espectaculo de domingo ultimo. Vae no proximo n.º.

Obras municipaes.—Anda em reparação o encanamento das aguas destinadas ao jardim publico, que ha muito se achava em mau estado, mas a que só na presente estação se podia prover de remedio. Vão fazer-se alli outros melhoramentos, como a introducção do gaz, etc.

— Está concluido o velodromo do Campo de S. João. Ficou bem construido, segundo os entendidos mais exigentes, devendo em breve começar a produzir nova receita para o municipio. A sua inauguração está marcada para o domingo proximo.

— Na conceituada *Fabrica de Louça da Fonte Nova* estão-se preparando as chapas de faiança destinadas á numenclatura das ruas. São d'uma excellente fabricação, como é, em geral, tudo o que o acreditado estabelecimento local produz, e de rara perfeição artistica.

— O digno presidente da camara em exercicio, sr. dr. Alvaro de Moura, pensa n'um plano de grandes melhoramentos locaes, como a construcção d'um mercado, reforma e alargamento do edificio dos Paços do concelho, etc.

Escola Aguedense.—Esta escola, dirigida superiormente pelo sr. Antonio Marques de Castilho, está dando os melhores documentos da sua utilidade. O aproveitamento dos alumnos é alli constante e effectiva, e é prova d'isso o numero d'alumnos que foram approvados no Lyceu d'esta cidade e nos ultimos exames. São elles os seguintes:—Albano Ferreira Pinto Coelho, Antonio de Souza Carneiro, Antonio Vasco de Souza, João Augusto Monteiro Cancella, Fernão Côrte-Real da Fonseca, Oscar d'Aguiar, João Ferreira de Mattos Junior, Manuel Claro d'Almeida, Seraphim Dias Ferreira e Eduardo d'Almeida.

Este numero d'aprovações diz mais do que nós poderiamos dizer em elogio d'aquella casa de ensino.

Kiosque.—Está já em construcção o kiosque que o mestre d'obras d'esta cidade, sr. Antonio de Souza, se propoz levantar na Praça da Fructa. Deve ficar concluido proximamente, inaugurando-se na vespera da festividade de *Corpus Christi*, em 12 do mez proximo.

Trovoada.—Na noite de segunda-feira ultima pairou sobre a cidade uma formidavel trovoada, que felizmente não causou estragos de maior. Choveu torrencialmente até de manhã, beneficiando immenso as terras, que o asphixiante calor dos dias anteriores havia seccado completamente. A trovoada, já na vespera se annunciara por uns ribombos longinquos, que a poucos momentos deixava de ouvir-se e de assustar os menos fortes.

Hontem choveu tambem abundantemente, pelo que o preço dos generos, principalmente o da farinha de milho, desceu no nosso mercado.

Trabalho de pesca.—Tem continuado o trabalho de pesca em todas as costas do districto sempre que o mar o permitte, mas com pouco resultado. A sardinha que tem vindo ao mercado, que é já muito rasoavel, tem alcançado os preços de 700, 800 e 900 réis o milheiro.

Mercado de sal.—Vae saíndo o que existia na ria, melhorando os preços, que chegam já nas eiras a 21$000 réis a medida restricta de 15:000 litros. Se a exportação continuar do mesmo modo o velho saírá todo ou quasi todo antes do novo.

A pesca no Furadouro.—Sobre a pesca na costa d'Ovar, o nosso collega *Ovarense* de 19, escreve o seguinte:

> *Pesca.*—O trabalho das companhas de pesca na nossa costa deu, a semana finda, resultado negativo. Os lanços não excederam a 5:000 reis. E como as despezas em cada lanço são superiores a 12:000 reis, calcule-se em quanto os pescadores ficaram empenhados, apesar de muito trabalho.
>
> A miseria alastra-se.

Roubo na egreja.—E' da *Soberania do Povo* de 19 do corrente a seguinte noticia:

> «Hoje, depois da chamada missa do dia, 11 horas da manhã, roubaram da egreja parochial d'esta freguezia as caixas das esmolas das Almas e do Santissimo Sacramento. E' até onde póde chegar o descaramento e a irreverencia!»

Mesmo de dia se roubam as egrejas!

O que vae por esse paiz fóra.—Em uma povoação do norte, freguezia da serra com cerca de tresentos fogos, as pessoas mais importantes foram ter com o parocho para que os ajudasse a conseguirem do Estado terrenos na Africa onde podessem construir uma povoação dando-lhes passagem gratuita para todos os habitantes da freguezia, incluindo o parocho a quem rogaram os acompanhasse. Davam ao Estado em troca todos os seus terrenos, uns magros terrenos é certo, safaros e escalvados, mas que os alimentou muitos annos.

O parocho mostrou-lhe o que havia de impraticavel no seu plano—impraticavel, perigoso e difficil de alcançar. Animou-os chorando com elles e promettendo-lhes implorar a caridade para salvar da fome e da miseria as mulheres e as creanças.

Significa isto o mal estar geral que em todo o paiz se sente.

O carvalho milagroso.—Subordinado a este titulo, o *Commercio do Porto* diz o seguinte:

«Corre por ahi, ha tempos, uma lenda ácerca de um denominado «Carvalho milagroso», facto que não teria a menor importancia, se d'isso resultasse apenas o pretexto para um passeio agradavel a um dos mais bonitos arrabaldes do Porto. De tal modo, porém, se tem especulado com o caso, que se torna indispensavel a intervenção da authoridade, para pôr termo a abusos. A concorrencia de povo ao sitio de Araujo, em Leça do Balio, onde se deu o tal *milagre*, tem sido extraordinaria. Junto do sitio onde havia um carvalho, brota uma fonte, cuja agua a crendice popular começou a julgar tambem milagrosa e é aqui que principia a mais condemnavel especulação. Os copos e as garrafas d'essa agua são vendidos, no proprio local, por um preço que tem subido á proporção do augmento do numero de consumidores, e até parece que ha já para ahi uma mulherzinha que percorre as ruas com um barril, em um carro, vendendo a chamada agua *milagrosa*. Mas o abuso não pára aqui. Junto da *fonte milagrosa* ha uma caixa onde os romeiros lançam o seu obulo, dizendo se que esses donativos são destinados á construcção de uma capella n'aquelle local, erecta sob a invocação de Nossa Senhora dos Remedios, cuja imagem está sendo feita do tronco do tal carvalho prodigioso, na officina de um esculptor d'esta cidade! Ora, parece incrivel que as authoridades, que, sem duvida, têem conhecimento do facto, não hajam até agora posto côbro a similhante especulação, deixando que a boa fé de uns, a crendice de outros e a ignorancia de muitos sejam assim aproveitadas em beneficio dos espertalhões, que estão abusando, de um modo tão censuravel, das crenças de cada um, em proveito proprio, ou em favor de interesses nada recommendaveis. Visto, pois, as cousas terem chegado a este ponto, pedimos com a maior instancia ás respectivas authoridades que façam terminar taes especulações, não permittindo que se continue por mais tempo a abusar tão descaradamente da crendice do vulgo. Estimaremos que não tenhamos necessidade de voltar a occupar nos d'este assumpto.»

Partido medico.—Está a concurso o partido medico de Serpa com 300$000 reis de vencimento pela camara, e pulso livre.

Despachos ecclesiasticos.—Fizeram-se os seguintes:

Revd.º Antonio Miguel Teixeira de Mello, apresentado na egreja parochial de Santa Maria, de Valle Passos, Braga.

Revd.º Antonio Pacheco Vieira, apresentado na egreja parochial de Nossa Senhora da Mãe de Deus, da Povoação, Angra.

Revd.º Antonio José de Oliveira apresentado na egreja parochial de S. Lourenço de Rebordello, de Vinhaes, Bragança.

Revd.º José Bernardo Veiga, provido na serventia vitalacia da thesouraria parochial da egreja de Nossa Senhora da Conceição, de Nartim Longo, Algarve.

Uma participação de casamento... fin de siècle.—F..., dá parte de seu casamento com D. F..., filha legitima e unica de F..., Tenente Coronel Reformado de Lanceiros da Rainha n.º 2 Fidalgo d'antiga linhagem—Cotta d'Armas—Solar conhecido—Descendente dos Senhores de Biscaia, por D. Juigo Lopes Ricohomem d'El Rei D. Sancho 1.º de Castella, que foi o 1.º que se chamou Mendonça—e de D. Urraca, proprietaria do Reino de Castella, por seu filho D. Fernando Furtado, que foi o 1.º a quem se deu este appelido, e por D. Guterre companheiro do Conde D. Henrique—Moço Fidalgo da Casa Real com exercicio no Paço e Cavalleiro professo da ordem de Christo—Neta paterna de F..., Commendador—Alcaide-Mór e moço Fidalgo da Casa Real com exercicio no Paço e Cavalleiro professo da ordem de Christo—E D. F...—da Familia Real—Procede de D. Affonso, que foi o Senhor do Vimieiro do concelho de Couza, pelo lado dos A... e pelo lado dos C... de D. Egas Moniz, Aio d'El-Rei D. Affonso Henriques, cuja varonia descende do Conde D. Gonçalo Moniz Governador de Coimbra, Feira e Porto, e quasi tudo entre Douro e Minho, em tempo d'El-Rei D. Ramiro 3.º o fez sexto e quinto neto do mesmo Pai e de El-Rei D. Ramiro 2.º Rei de Leão seu bisneto—Pertencem a esta Familia todos os principes Christãos da Europa descendentes da Condessa D. Leonor d'Alvim, mulher do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que era neta d'Estevão Colho—Neta materna de F...—Conselheiro Deputado da casa de Bragança e Cavalleiro professo da Ordem de Christo—Nos a sanguine regum venimus, et nostro veniunt á sanguine Reges.

Offerece a sua casa na Rua...

CARTA DE GOES

Meu amigo.—Volta de novo o sr. administrador do concelho Manuel Nogueira Ramos a provocar a nossa humilde pessoa, e sempre pela penna dos seus allugados; é que s. ex.ª não póde ou não sabe escrever duas linhas em defeza das arguições que se lhe fazem como agente e fiscal da lei: é apenas um agressor cobarde e sujo, que para ferir, seja como fôr, os seus adversarios, tem a mania de enxurdar-se previamente, sendo assim melhor recebida a sua indirecta collaboração no papelucho da Louzã, como se mostra no numero de hontem.

O aluguel dos seus escrevinhadores que s. ex.ª costuma pagar com batatas e aboboras, é a propria condemnação d'um chefe de partido, que desmoralisa tenazmente esses pobres homens, que o sr. Manuel Ramos não duvidou perder no conceito publico, com o fim de saciar com voracidade a sua bilis rancorosa e pestilenta. Na comedia *os regeneradores de Goes* em que o sr. administrador Ramos representa o papel principal, sem habilitações, sem estudo, sem arte e sem criterio para desempenhar-se dignamente da parte que lhe foi, não distribuida, mas que s. ex.ª escolheu para si, arrogando-se um desempenho á altura digna de qualquer cavalheiro que tivesse em melhor conta o seu nome e prestigio, tem andado o sr. Ramos inhabil, mente, comprometendo o seu nome e o do velho partido que s. ex.ª diz representar. Ha muito que o sr. administrador do concelho Nogueira Ramos estava no nosso esquecimento sem que mesmo á boa paz, podessemos seguir a sua politica sempre pharisaica com tendencia constante e permanente para a vingança local mesquinha e para um despotismo injusto e atroz. E' este o seu feitio; para conseguir o seu fim, lança mão de tudo e de todos: um bom discipulo dos Fervilhas; estudou o pouco que sabe d'administração publica, pelo compendio de João, o do Alcaide.

Ahi fica o *perfil* do delegado do sr. conselheiro Neves e Souza, que s. ex.ª desmoralisou, não com os seus conselhos e indicações, mas com a sua pertinacia e teimosia, insistindo em conservar em Goes dois administradores em exercicio; um, faccioso, vingativo e despotico; o outro, o substituto, sempre em exercicio, um fallador inconveniente, um critico de má nota e um politico faminto, no habito constante de desconceituar perigosamente os seus adversarios, mirando apenas em conservar a substituição da administração do concelho, á custa mesmo do que houver de mais baixo, indigno e servil.

Para o numero seguinte darei a s. ex.ª noticias da politica chula e picaresca dos regeneradores d'este concelho, que á porfia, continuam no intuito, alliaz improficuo, de inutilisar o nosso grupo! Não tenho hoje tempo, nem posso mesmo, enviar aos Arierracs, aos Idas, e demais collaboradores dos escriptos manhosos do sr. administrador Ramos. Está o tempo duvidoso e receio ceifar a cevada; porque dizem os entendedores que a palha bem recolhida, é um segundo verde, que as animalias comem com sofreguidão e apetite.

Calda Bordolesa, 20—5—95.

Manuel das Barbas.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

Do estrangeiro não ha noticias importantes.

CICLES «IMPERATOR»—Dugour & C.ª, constructores, 81, faub. St. Denis, Paris. Mesmos preços que em grosso. Bicyclettas 1895 grossos tubos esmerados occos 200 fr. Magnificos pneumaticos extra 225 fr. Catalogo gratis e artigos mechanicos.

CASA DE MODAS
LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA
85, 287, 289, 291, 293—RUA DO OURO
LISBOA

ANNUNCIOS

CARTEIRA

PERDEU-SE ha dias uma, com a quantia de 12$000 réis em notas e outros valores, da rua de S. Roque até á egreja da Misericordia. A quem a tenha encontrado e queira entregal-a a seu dôno, se darão boas alviçaras:

N'esta redacção se diz.

CASA AFRICANA

ESTA antiga casa sita na rua da Victoria, 35 a 41, Lisboa, é um estabelecimento de 1.ª ordem, que se recommenda pela variedade e abundancia dos sortimentos, pela delicadeza dos proprietarios e pela seriedade das transacções. Em sedas e lãs, especialmente, não ha estabelecimento que possa competir com a *Casa Africana*.

Recommendamol-a, por isso, ás nossas leitoras, pois que é no genero uma das casas mais importantes e ao mesmo tempo mais acreditadas de Lisboa.

CASA

VENDE-SE uma de dois andares, sita na rua d'Alfandega, d'esta cidade. Para tratar com D. Maria do Rosario Amorim—Rua de Santo Antonio—AVEIRO.

ESTABELECIMENTO BALNEAR-HOSPITALAR DAS CALDAS DA RAINHA

O director do hospital real das Caldas da Rainha e seus annexos, participa que no proximo dia 15 de maio será inaugurada a epoca balnear-hospitalar do corrente anno, terminando esta no dia 31 de outubro. No hospital balnear serão admittidos todos os enfermos indigentes que se apresentarem com attestado de pobreza passado pelo parocho da sua naturalidade ou domicilio, vindo este acompanhado por uma certidão passada pelo escrivão de fazenda do concelho a que pertence o doente, declarando que este não paga de contribuição predial e industrial mais de mil réis annuaes, e bem assim de um attestado de medico indicando que o doente precisa fazer uso d'estas aguas sulfureas, mencionando a doença de que elle se acha atacado, sendo todos estes documentos rubricados pelo respectivo administrador do concelho. Os doentes que apresentarem estes documentos, tambem poderão fazer uso d'estas thermas, sem serem internados no hospital. No estabelecimento balnear, as aguas sulfureas que brotam dentro d'este edificio, podem ser applicadas em banhos de immersão, puras ou misturadas com agua commum ou salina natural, tendo a temperatura que se desejar; assim como tambem podem ser applicadas nas mesmas condições, em douches escocezes, circulares, de jorro, de chuva e de agulheta com differentes terminações. Além do uso interno d'estas aguas ellas podem ser egualmente ministradas em pulverisações e inhalações, quer naturaes quer artificiaes, começando estas ultimas applicações no 1.º dia do proximo mez de junho. Contadoria do hospital real das Caldas da Rainha, 1 de maio de 1895.

O director,
Rodrigo Maria Berquó.

LOTERIA

SEGUNDO o regulamento, os compradores de 10 bilhetes inteiros teem uma commissão de 3 °/₀. Os cambistas e vendedores ambulantes teem uma commissão de 2 °/₀ quando comprem menos de 10 bilhetes inteiros.

Dos bilhetes não se poderão abrir cautelas superiores a 80 °/₀ das fracções originaes nem inferiores a 50 réis.

Como medida policial incumbida á Santa Casa as cautelas serão selladas com um carimbo especial, **carimbo que não garante o pagamento da cautela**, mas só indica que o bilhete não foi aberto em maior numero de cautelas do que aquellas que comportava.

Os bilhetes ficam depositados na Santa Casa, só até o dia de extracção, servindo á repartição do carimbo como documento que comprova a sua subdivisão.

O pagamento do premio maior effectua-se no proprio dia da extracção, e os outros premios nos dias seguintes.

O pagamento das cautelas premiadas é exclusivamente da responsabilidade do cambista emissor.

Lisboa, 25 d'abril de 1895.

O secretario,
José Murinello.

HOTEL DOS CUCOS

JUNTO DA ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO

TORRES VEDRAS

REABRE no dia 15 de maio este bem conhecido hotel, especialmente frequentado pelas pessoas que fazem uzo das thermas dos Cucos e das aguas medicinaes da Fonte Nova.

O Gerente,
Ernesto Nobre.

PULVERISADORES
CALDA BORDALEZA EM PO'
SULFOSTEATITE
ENXOFRE CUPRICO

VENDE-SE tudo garantido, por preços commodos, na loja de Manuel Maria Amador em

Alquerabim

As pessoas que querem um PURGATIVO de primeira qualidade, agradavel de tomar, que não exige regimen especial algum nem modificação alguma nos habitos e occupações, fazem uso das
AFAMADAS PILULAS PURGATIVAS
do Doutor
DEHAUT
de Pariz.
2f50 5f
Qualquer caixa cujo rotulo não levasse o
SELLO
da
UNION DES FABRICANTS
applicado como um sello do correio é uma
FALSIFICAÇÃO
contra a qual os doentes devem acautelar-se com todo cuidado.

GRANDES ARMAZENS DE MODAS
SOUSA BRAGA
24—PRAÇA DE CARLOS ALBERTO—30
PORTO

Acaba de receber de Paris todo o sortido de novidade para a estação de verão

Sedas de todas as qualidades para vestidos e guarnições.
Tecidos de lã e córtes para vestidos, alta phantasia.
Grande novidade em tecidos d'algodão para vestidos.
Grande novidade em tecidos lisos para vestidos.
O mais completo sortimento de confecções em renda de seda e em pannos para senhora, ultimos modelos dos principaes ateliers de Paris.

MELANGE

Tecido de lã muitissimo superior, em diversas côres, a 5$000 réis o córte de vestido com 7 metros.

Setim, novidade da estação, côres variadas e lindissimas, a 5$500 réis o córte de vestido.

(Estes tecidos são recommendaveis pela sua superioridade e pela muita novidade que offerecem).

Beijo e diagonal de lã de todas as côres, a 4$000 réis o córte de vestido.
Voiles de lã estampados da mais fina qualidade, a 450 réis o metro.
Grande sortimento e grande variedade de tecidos em côres claras.
Lindissima collecção de marquesinhas, verdadeira novidade.

SELLOS DE CORREIO!

Antigos e actuaes, de preferencia de Portugal e das Colonias, desejo compral-os e pago preços mais elevados do que qualquer outro; por exemplo—1853 D. Maria 100 réis, novo, bom exemplar, original, com gomma, pago réis 100$000!

OTTO MANGOLD-FRANCFURT AM
BETTINASTR, 35.—ALLEMANHA

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM
ENXOFRE ESTACIO
Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—
Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

CAMBISTA TESTA
78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

ASTHMA E CATARRHO
CURADOS pelos CIGARROS ou PÓS **ESPIC** OPPRESSÕES, TOSSE, DEFLUXOS NEVRALGIAS
Todas Pharmacias, 2 f. a Caixa. — Venda em grosso: 20, rue Saint-Lazare, Paris
EXIGIR a assignatura aqui exarada em cada Cigarro.
MEDALHA DE OURO. — FÓRA CONCURSO

PROPRIETARIO E RESPONSAVEL
MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA
Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração
Rua da Vera-Cruz, Aveiro.